

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

PEDRO HENRIQUE PEDROTTI

CIRCULAÇÃO DO PODER IMPERIAL BIZANTINO NO MEDITERRÂNEO
TARDO-ANTIGO:
HISTÓRIA(S) CONECTADA(S) ENTRE OS SÉCULOS IV A VI NA *CRÔNICA* DE
MALALAS

CHAPECÓ
2025

PEDRO HENRIQUE PEDROTTI

**CIRCULAÇÃO DO PODER IMPERIAL BIZANTINO NO MEDITERRÂNEO
TARDO-ANTIGO:
HISTÓRIA(S) CONECTADA(S) ENTRE OS SÉCULOS IV A VI NA *CRÔNICA* DE
MALALAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Dr. Renato Viana Boy

**CHAPECÓ
2025**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Pedrotti, Pedro Henrique
Circulação do poder imperial bizantino no
Mediterrâneo tardo-antigo: História(s) conectada(s)
entre os séculos IV a VI na "Crônica" de Malalas / Pedro
Henrique Pedrotti. -- 2025.
73 f.:il.

Orientador: Doutor Renato Viana Boy

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2025.

1. Poder imperial bizantino. 2. História Conectada.
3. Circulação mediterrânea. 4. Antiguidade Tardia. 5.
João Malalas. I. Boy, Renato Viana, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

PEDRO HENRIQUE PEDROTTI

**CIRCULAÇÃO DO PODER IMPERIAL BIZANTINO NO MEDITERRÂNEO
TARDO-ANTIGO:
HISTÓRIA(S) CONECTADA(S) ENTRE OS SÉCULOS IV A VI NA *CRÔNICA* DE
MALALAS**

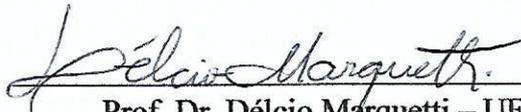
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em História da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de Licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 09 de julho de 2025.

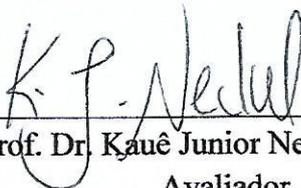
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Renato Viana Boy – UFFS
Orientador



Prof. Dr. Délcio Marquetti – UFFS
Avaliador



Prof. Dr. Kauê Junior Neckel – UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho aos meus pais, Albani e Cláudio, pelo apoio, motivação e por terem me ensinado – ainda na tenra infância – a sentir a força transformadora do verbo *amar*.

AGRADECIMENTOS

Finalmente estou sentado em frente à tela escrevendo estes agradecimentos, que nada mais são do que uma saudosa lembrança a todas as pessoas que, de maneira ou outra, ajudaram em todo esse processo lindo e tortuoso que é uma Graduação. Evidentemente que este é o primeiro passo de uma longa trajetória acadêmica, que começa com a conclusão deste TCC, mas não pode findar com ele. *Once a teacher, always a student.*

Me lembro muito bem – às vezes minha memória opera de maneiras nada usuais – do meu primeiro dia de aula na universidade: 07 de junho de 2021. As aulas eram remotas por conta do isolamento da COVID-19 e tudo era tão novo que eu parecia uma criança indo ao parque de diversões pela primeira vez e descobrindo esse mundo novo – esse universo de conhecimento – que se apresenta à sua frente. Nada mudou, apenas a fadiga, às vezes, abate a gente, mas toda aula, em cada semestre, do primeiro ou do último, foram a descoberta de algo novo. Como dizem, o conhecimento é a única coisa que ninguém pode tirar de você.

Contudo, acho que a Graduação foi um período de muitos desafios, mas, ao mesmo tempo, de aprendizados valiosos. Não posso dizer que foi fácil, já que ter que ir e voltar todos as noites de transporte, às vezes no frio de rachar ou na chuva torrencial, ter que trabalhar durante o dia, correr para pegar a van e ainda dar conta de estudar, não é a melhor experiência, mas molda a nossa perseverança e a nossa vontade de se superar cada vez mais. Parece que foi ontem – escrevo com lágrimas nos olhos – que olhava para o antigo portal do aluno e via todas aquelas 2.580 horas de componentes obrigatórios, 240 de optativos e mais 240 de atividades curriculares complementares, parecia que nunca ia acabar. Até que acabou. No fim, tudo passou tão depressa e uma palavra resume bem meu sentimento em relação a tudo isso: *Eudaimonia*.

Não poderia deixar de fazer menção especial ao meu pai Cláudio e à minha *mama* Albani. Com certeza vocês foram essenciais para essa Graduação e, mesmo que não me auxiliaram a estudar para provas ou seminários, estiveram sempre atentos ao que me afligia e prontos para me reconfortar quando eu já não sabia mais o que fazer com os prazos se apertando ou querendo apenas ficar no meu quarto deitado devido ao cansaço. Poder fazer um curso superior, em uma família advinda de camadas tão pobres e desfavorecidas como a nossa, que “venceu” na vida com o trabalho, é uma conquista para todos. Vocês podem até não ter terminado o Ensino Médio, mas a honestidade, a resiliência e a sabedoria que me transmitiram, me moldaram na pessoa que sou hoje. Não poderia deixar de registrar aqui um *eu amo vocês* de maneira singela e simbólica, pois não sei viver sem vocês junto de mim.

Igualmente, gostaria de agradecer de todo coração ao professor Renato Viana Boy, que além de um docente exemplar (que espero ser, pelo menos, 1% igual a ele um dia), é um orientador cuidadoso, atencioso e minucioso. Seus apontamentos ao longo desta pesquisa se tornaram imprescindíveis, bem como as nossas conversas, a sua compreensão com os prazos e as leituras sempre pertinentes. Com certeza, se finalizo essa primeira etapa aqui, o senhor teve um papel fundamental para o seu bom andamento e para que ela acontecesse. Novamente, muito obrigado, professor Renato, que em meio a tantos outros compromissos pessoais e acadêmicos, sempre arrumou um tempo para encaixar uma reunião e para acompanhar essa pesquisa, que para mim é uma conquista. Obrigado também às bancas de qualificação e examinadora por terem feito parte desse processo e pela leitura e apontamentos profícuos e que, com certeza, irão contribuir muito para os futuros passos meus e desta pesquisa. Agradeço também aos colegas do LEME pelas leituras, debates e ponderações sobre este e demais trabalhos em nossos encontros.

Outrossim, quero agradecer, embora sem citar nomes – para não ficar muito longo, pois sou muito prolixo, e para não esquecer alguém – aos meus amigos. Acho que a amizade, antes de tudo, é uma das formas de amor mais singelas, pois escolhemos uma família para chamar de nossa e nos identificamos por gostos, músicas, proximidade, tempo, coisas triviais e tão importantes. Enfim, com quem compartilhamos nossa vida. Obrigado a vocês que fizeram parte dessa trajetória, ouviram minhas reclamações e estiveram presentes quando precisei. Alguns de vocês eu fiz ao longo dos anos, desde a pré-escola e continuam até hoje. Outros foram na própria Graduação, mas como eu afirmo: quantidade não é qualidade, eu amo estar com vocês.

Por fim, deixo registrado uma lembrança a todos/as os/as professores/as que me acompanharam desde o jardim de infância Cinderela, na Escola de Educação Básica Raimundo Corrêa, nas escolas de línguas e na universidade. Os mestres são partes alicerçais do nosso processo de aprendizagem e de formação. Sem professores, não podemos vislumbrar uma outra realidade, muito embora nem sempre queremos pensar tanto para que não nos chateemos com esse mundo tão duro e cruel que, por vezes, precisamos enfrentar. Além disso, quero agradecer à Universidade Federal da Fronteira Sul por ser essa instituição de ensino superior preocupada com educação pública, gratuita e de qualidade. Sem essas oportunidades, ainda mais na nossa região, cursar uma Graduação seria ainda mais difícil. Agradeço, outrossim, ao curso de História de Chapecó, por ter me proporcionado uma instrução tão lata e crítica do nosso *métier*.

Finalmente, mas não menos importante, queria agradecer a mim mesmo. Não acho que seja narcisista se dar um pouco de crédito por tudo aquilo que passamos e, muitas vezes, não compartilhamos com ninguém. Minhas angústias, desassossegos, emoções e felicidades ao

longo desse curso quem melhor sentiu fui eu. Obrigado por nunca ter desistido e, mesmo que nem sempre eu consiga admitir isso, parabéns por ter finalizado com êxito esse ciclo.

Em última palavra, agradeço a você leitor/a que também chegou até aqui e que, eventualmente, por qualquer razão, decidiu ler esse texto. Espero que sua leitura seja prazerosa e que consiga retirar algo de útil desta pesquisa tão cara e importante para mim.

Verba volant, scripta manent.

Homem livre, tu sempre amarás o mar!

(Charles Baudelaire)

RESUMO

O presente estudo para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propõe-se a fazer uma análise crítica sobre a circulação do poder imperial bizantino nos espaços mediterrânicos no período da Antiguidade Tardia. Nesta pesquisa, este período é compreendido entre os séculos IV a VI, a partir de uma História Conectada. O objetivo é entender o exercício do poder imperial bizantino em locais que não necessariamente estavam diretamente vinculados à sua autoridade ou domínios territoriais. A fonte escolhida para esta pesquisa é a *Crônica*, de João Malalas, escrita em meados do século VI, originalmente em grego, mas a versão que estamos utilizando está traduzida e organizada para o inglês. Ela, com efeito, versa desde a criação do mundo até o seu presente histórico, embora estejamos interessados, dos dezoito livros, os seis últimos (livros treze a dezoito), que compreendem o escopo espaço-temporal desta pesquisa. Assim, ao final da pesquisa, podemos perceber que o poder imperial bizantino – mesmo que sediado na cidade de Constantinopla – circulava por toda a bacia do Mediterrâneo neste período da Antiguidade Tardia. Bem como em espaços que não compreendiam as fronteiras do Império Romano do Oriente, dando legitimidade para certas autoridades não-romanas e criando alianças político-militares nessas localidades. Desse modo, estes encontros davam-se de diversas formas, com intercâmbios culturais, históricos, normativos e religiosos. Logo, nem sempre através de guerras e trocas violentas, uma vez que as fronteiras são sempre fluidas e cambiantes, sendo o mar e suas águas um ambiente privilegiado para as circulações e conexões, inclusive nas temporalidades mais recuadas.

PALAVRAS-CHAVE: Poder imperial bizantino; História Conectada; Circulação mediterrânea; Antiguidade Tardia; João Malalas.

ABSTRACT

The present study to the research of the Final Paper proposes to make a critical analysis about the circulation of Byzantine imperial power in Mediterranean spaces in the period of Late Antiquity. In this research, this period is understood between the 4th and 6th centuries, based on a Connected History. The aim is to understand the exercise of Byzantine imperial power in places that were not necessarily directly under its authority or territorial domains. The source chosen for this research is the *Chronicle*, by John Malalas, written in the mid-sixth century, originally in Greek, but the version we are using here is translated and organized into English. This chronicle, in effect, covers the period from the creation of the world to its historical present, though we are interested in the last six of the eighteen books (books thirteen to eighteen), which comprise the space-time scope of this research. Thus, at the end of this research, we can perceive that the Byzantine imperial power – even though headquartered in the city of Constantinople – circulated throughout the Mediterranean basin in this period of Late Antiquity. As well as in spaces that did not include the borders of the Eastern Roman Empire, providing legitimacy to certain non-Roman authorities and creating political-military alliances in these locations. Hence, these encounters took place in many ways, with cultural, historical, normative, and religious exchanges. Therefore, they were not always through wars and violent trades, since borders are always fluid and changing, with the sea and its waters being a privileged environment for circulations and connections, even in remote temporalities.

KEYWORDS: Byzantine imperial power; Connected History; Mediterranean circulation; Late Antiquity; John Malalas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 01:** Mapa da bacia do Mediterrâneo depois da desagregação do Império Romano do Ocidente (476) 19
- Figura 02:** Capa da edição utilizada nesta pesquisa da *Crônica*, de João Malalas. Neste frontispício, figura uma gravura de Cosmas Indicopleustes, feita no século VI, sobre as antípodas da Terra, uma vez que era um viajante bizantino de Alexandria que viveu nesse período 23
- Figura 03:** Mosaico bizantino (século VI), que mostra a corte imperial bizantina com o imperador Justiniano (de púrpura, ao centro), em Ravena, Itália 68
- Figura 04:** Mosaico bizantino (século VI), que mostra a corte imperial bizantina com a imperatriz Teodora (de púrpura, ao centro), em Ravena, Itália 68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DEBATES CONCERNENTES À BIZÂNCIO: FONTES, CONCEITOS E METODOLOGIAS	21
2.1 DO CONCEITO DE ANTIGUIDADE TARDIA	28
2.2 A METODOLOGIA DA HISTÓRIA CONECTADA	32
2.3 AS FONTES: A <i>CRÔNICA</i> , DE JOÃO MALALAS	36
3 A CIRCULAÇÃO DO PODER IMPERIAL EM MALALAS	41
3.1 O INÍCIO DO IMPÉRIO COM CONSTANTINO: NOVA CAPITAL, REFORMAS E CONEXÕES ENTRE ELEMENTOS	41
3.1.1 Constantino, o Grande: elementos religiosos, políticos e biográficos	41
3.1.2 A nova capital às margens do Bósforo: a cidade de Constantino	43
3.2 OS SUCESSORES DE CONSTANTINO: O <i>ENVIROMENT</i> DOS SÉCULOS IV E V	46
3.2.1 Constâncio II e Teodósio: presença de elementos heréticos e pagãos na alta corte bizantina	46
3.2.2 O saque de Roma (410)	47
3.2.3 Concílios Ecumênicos de Éfeso (431) e da Calcedônia (451) e o contexto do século V	49
3.2.4 O episódio da “queda” de Roma em 476 e a visão do elemento bárbaro	51
3.3 A ERA DE JUSTINIANO: REFORMADOR, JURISTA, ORTODOXO	54
3.3.1 O imperador Justiniano (482-565) e a busca da ortodoxia	54
3.3.2 As facções do Hipódromo	55
3.3.3 A Revolta da <i>Nika</i> (532)	57
3.3.4 Intervenções militares fora do Império: Norte da África vândala	59
3.3.5 A peste justiniana (542)	60
3.3.6 Intervenções militares fora do Império: Península Itália gótica	62
4 MARE NOSTRUM: CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, a História vem acompanhando uma renovação de temáticas e novos prismas para as pesquisas, além do advento da internet, que facilita o acesso às fontes e desloca o conhecimento do eixo Europa-América do Norte para outras partes do globo. Esta pesquisa, com efeito, insere-se na esteira da História Conectada, uma perspectiva historiográfica que vem ganhando campo nos debates e novas produções universitárias, que busca compreender lugares distintos não de maneira isolada ou autônoma, mas conectados. Portanto, com a História Conectada, rompem-se as tradicionais fronteiras territoriais e historiográficas, isto é, desenha-se outros espaços, recortes e cronologias, que não conseguiam explicar as interações entre essas sociedades, conforme apontado por Cândido da Silva (2020, p. 12).

Em vista dessa conjuntura de difusão documental e metodológica, pode-se salientar, no contexto brasileiro, as novas pesquisas sobre o que a historiografia conhece como Império Bizantino¹ ou Império Romano do Oriente. Mesmo que ainda incipientes, mas de vinte anos para cá vem alcançando cada vez mais laudas da historiografia, inclusive com perspectivas e debates diversos entre si. Dessa forma, esta pesquisa tem como pergunta norteadora: de que formas o poder imperial bizantino circulava na bacia do mediterrâneo? Isto é, busca-se entender a circulação do poder imperial bizantino, bem como de pessoas, narrativas e legislações (eclesiásticas ou políticas) na bacia do Mediterrâneo entre os séculos IV e VI, período compreendido como Antiguidade Tardia². Isso é feito, por sua vez, através de análises críticas de um documento escrito contemporâneo do escopo temporal deste trabalho, a saber a *Crônica*, de João Malalas. A *Crônica*, com efeito, está traduzida do original em grego para o inglês moderno, versão esta utilizada nesta pesquisa. Igualmente, a partir do objetivo principal, tentaremos mostrar o peso da Igreja na narrativa de Malalas e como ele procede na construção de identidades étnicas dos povos – ditos – bárbaros e dos próprios romanos.

Contudo, embora que o Império Bizantino cada vez mais se torne objeto de pesquisa de historiadores e historiadoras, ainda é pouco conhecido. Nesse sentido, eu mesmo sou um exemplo disso, já que foi apenas na Graduação que descobri o termo *bizantino*, bem como soube

¹ O termo bizantino nesta pesquisa refere-se ao Império Romano do Oriente e sua estrutura política, econômica e religiosa como um todo, não apenas à cidade de Bizâncio (Constantinopla), capital deste Império, extrapolando, inclusive, uma dicotomia entre o Ocidente e o Oriente como espaços distintos e intransponíveis. Embora os contemporâneos deste Império se chamavam de romanos, este termo foi criado no século XVI para se diferenciar dos romanos ocidentais, sendo que ganhou força na historiografia do século XIX. O termo em si faz referência à cidade de Bizâncio, antigo nome grego da capital deste Império, Constantinopla.

² Nesta pesquisa, o período da Antiguidade Tardia constitui-se entre os séculos IV e VI, mas alguns autores a situam entre os séculos III a VIII, findando com a coroação de Carlos Magno em 800. Para mais ver Brown (1971) e Ward-Perkins (2006).

mais do assunto. Embora esteja hoje nos livros didáticos – apesar de breve – e possa ser abordado de maneira interdisciplinar, como no componente curricular de Arte, ainda assim esse corpo político de mais de mil anos não ganha tanto fôlego nas aulas de História. Destarte, por nenhum momento da minha trajetória escolar básica, feita em escola pública, algum professor tocou nesta temática, sempre apenas enfocando no Império Romano Ocidental e no sentido da Idade Média depois de 476 até a Idade Moderna.

Ademais, essa divisão entre a cultura Ocidental e a Oriental era também muito presente nas explicações docentes, que colocavam tais conteúdos nas “gavetas” históricas estáticas de datas e períodos. Não saberia argumentar, necessariamente, o porquê de tal parte ser estudada e outra ser relegada ao esquecimento. Acredito que o fator linguístico possa ser levado em consideração, não como um determinante, mas como uma soma de elementos que fazem com que se estude mais a parte latina do que a grega. Evidentemente que, com a supracitada abertura documental, cada vez mais podemos ver traduções para o português de textos interessantes para a análise e historiadores dedicando-se com afinco – seja em dissertações, teses, blogs, posts etc. – na elaboração de materiais que podem auxiliar-nos na construção de uma história desse importante Império. A questão da proximidade da historiografia brasileira com a francesa também pode ser um motivo para o enfoque de mais estudos em Roma do que em Constantinopla.

Não obstante, tal ignorância de minha parte em relação ao tema foi rompida na academia, mesmo que *a posteriori*, visto que nos primeiros semestres ainda não tinha certo interesse pela temática. Quando ouvia o professor de História Medieval falar sobre o Império Bizantino ou os colegas levantarem algumas questões, ficava alheio aos debates, haja vista que não conhecia praticamente nada sobre o assunto. Porém, no final do terceiro semestre da faculdade, findado esse componente curricular obrigatório sobre o medievo, acabei participando de uma reunião do LEME (Laboratório de Estudos Medievais). Esse laboratório, que tem um núcleo na Universidade Federal da Fronteira Sul *campus* Chapecó é um importante grupo de estudos em nível nacional sobre diversas temáticas medievais, inclusive de Bizâncio. Isso, com efeito, nos permite o debate entre colegas e de temas variados, coordenado pelo prof. Dr. Renato Viana Boy, orientador desta pesquisa. Assim, mesmo que fosse o último encontro daquele semestre, em 26 de agosto de 2022, comecei a participar do laboratório.

Coincidentemente, em agosto, tradicionalmente acontecem os editais de concessão de bolsas de iniciação científica para os cursos de Graduação da UFFS. Por conseguinte, o prof. Renato, através do LEME, havia sido contemplado com uma bolsa, à época de R\$ 400,00 men-

sais e com dedicação exclusiva de 20 horas semanais. Nessa reunião do grupo, ele havia divulgado para nós que essa bolsa tinha vigência de um ano e teria como tema a “Circulação do poder imperial bizantino no Mediterrâneo tardo-antigo: uma História Conectada entre os séculos IV a VI”. Diante disso, tal pesquisa iria lidar com uma vasta bibliografia e com fontes do período, como crônicas e histórias, que buscavam mostrar como o poder imperial circulava, embora não precisasse sair da capital. Com isso, acabei me interessando e me inscrevi neste projeto, do qual fui selecionado para ser bolsista e assim permaneci entre setembro de 2022 e agosto de 2023.

Foi um período de muito aprendizado, trocas, conversas e orientações com o professor Renato, que mesmo que já fiz um agradecimento especial, tenho muita estima por ter sido tão presente durante esse processo diferente e novo para mim. Muitas leituras foram feitas, fontes fichadas e relatórios preenchidos, bem como apresentações obrigatórias para o término da bolsa na Jornada de Iniciação Científica da universidade. Outrossim, acabei também fazendo parte de outro projeto, como voluntário indicado pelo prof. Renato, chamado de EPIFAME, com sede na Universidade de São Paulo (USP). Tal projeto busca mostrar as crises de mortalidade na bacia mediterrânea antes do século XIV, para que possamos entender como funcionavam as dinâmicas sociais diante de tais crises, como fome, pestes, desastres naturais, entre outros, em textos do período. Têm sido uma oportunidade ímpar participar deste projeto e conhecer outras realidades, escopos espaço-temporais, pesquisadores/as etc.

Em suma, aquele recém-saído do ensino médio sem saber nada sobre o Império Bizantino, acabou por participar de uma iniciação científica de 12 meses sobre o tema, que fez com que o meu interesse só aumentasse. Assim, foi essa experiência no projeto que deu origem a este Trabalho de Conclusão de Curso, que se adaptou para conseguir lidar apenas com uma das fontes – a *Crônica*, de João Malalas – que foram trabalhadas no projeto da bolsa de iniciação científica. O título do trabalho se explica por isso: uma adaptação da primeira pesquisa, apresentada em outubro de 2023, que tentou ser aprimorada e construída com diálogos e trocas junto com a orientação. Em vista do exposto, buscou-se, por fim, produzir um trabalho interessante e proveitoso para entender esse Império Bizantino, que de um desconhecido à minha primeira vista, tornou-se a temática que mais estudei e me interessei – em meio a tantos outros trabalhos, seminários, provas etc. – durante esses mais de quatro anos de Graduação. Não temos a pretensão de, necessariamente, criar algo novo, mas de nos posicionarmos de maneira original perante o documento escolhido e aos objetivos selecionados através da metodologia da História Conectada

Dessa forma, o presente trabalho analisa a circulação do poder imperial bizantino, sediado na capital imperial Constantinopla, pela bacia do mar Mediterrâneo entre os séculos IV a VI. Por conseguinte, estas conexões não davam-se exclusivamente de forma violenta, mas por relações e aproximações de sociedades que não estavam tão distantes quanto se pensava. Interessante entender, assim, quais foram os argumentos utilizados nos textos – neste caso, a *Crônica*, de Malalas – para conferir legitimidade de exercício político, ideológico e religioso à autoridade imperial bizantina. Narrativas estas, que, por sua vez, explicavam e justificavam essas intervenções nestes espaços que não compreendiam seus domínios diretos.

Esta análise para buscar mostrar as circulações do período tardo-antigo no Império Bizantino e fora dele, será feita, por sua vez, a partir do cotejo de uma fonte do século VI, escrita originalmente em grego. De toda a *Crônica*, utilizaremos, dos dezoito livros totais, apenas os últimos seis (Livros XIII-XVIII), que compreendem o escopo temporal desta pesquisa, uma vez que o autor inicia sua crônica ainda com o momento em que o mundo foi criado na tradição cristã do Gênesis. Malalas, contudo, é um autor que recebeu diversas críticas dos historiadores ao longo dos anos, principalmente pela forma que ele escrevia que, diferentemente dos demais, não advinha de uma tradição grega clássica, que o rotularam como alguém que escrevia em um “mau grego” (Scott, 2016a; Treadgold, 2007).

Ademais, sua crônica é recorrida pela historiografia mais para fechar lacunas do que, de fato, para fazer uma análise completa, sendo que ela se apresenta como uma fonte alternativa à historiografia clássica, embora de igual confiabilidade. Isso se deve ao fato de que os escritos de Procópio de Cesareia, historiador oficial do Império, ganharam uma primazia em relação às demais obras do período, sendo que ambos os documentos – como qualquer outro – devem ser problematizados para não confiarmos cegamente em um ou outro³. Outrossim, conforme argumenta Elizabeth Jeffreys (2003, p. 497), a crônica escrita por Malalas, quando saiu à luz para o público, foi reconhecida como um trabalho sério pelos seus contemporâneos, que apreciavam esse tipo de compêndio⁴. Contudo, foi muitas vezes criticada depois do período Renascentista, embora o sucesso possa ser observado nas várias cópias feitas do grego para outras línguas,

³ Um exemplo da necessidade de se analisar de maneira crítica os documentos é a Doação de Constantino, documento falsificado e criado pela Igreja, por volta do século IX, em que este Imperador havia feito um Édito de doação, em 315, de terras por todo o Império Romano, bem como de autoridade espiritual do Papa sobre os povos Orientais. Em uma análise feita pelo filólogo Lorenzo Valla, em 1440, constatou-se que o documento se tratava de um falso histórico. O historiador italiano Federico Chabod dedicou várias laudas da sua obra *Lezioni di metodo storico* (1973) sobre esse documento em específico.

⁴ A primeira crônica de visão cristã do período tardo-antigo foi escrita por Eusebio de Cesareia, por volta de meados do século IV, embora a crônica escrita por Malalas seja a primeira crônica bizantina que aglutinava histórias cristãs e seculares que chegou até os dias atuais (Jeffreys *et al*, 1986, p. XXI).

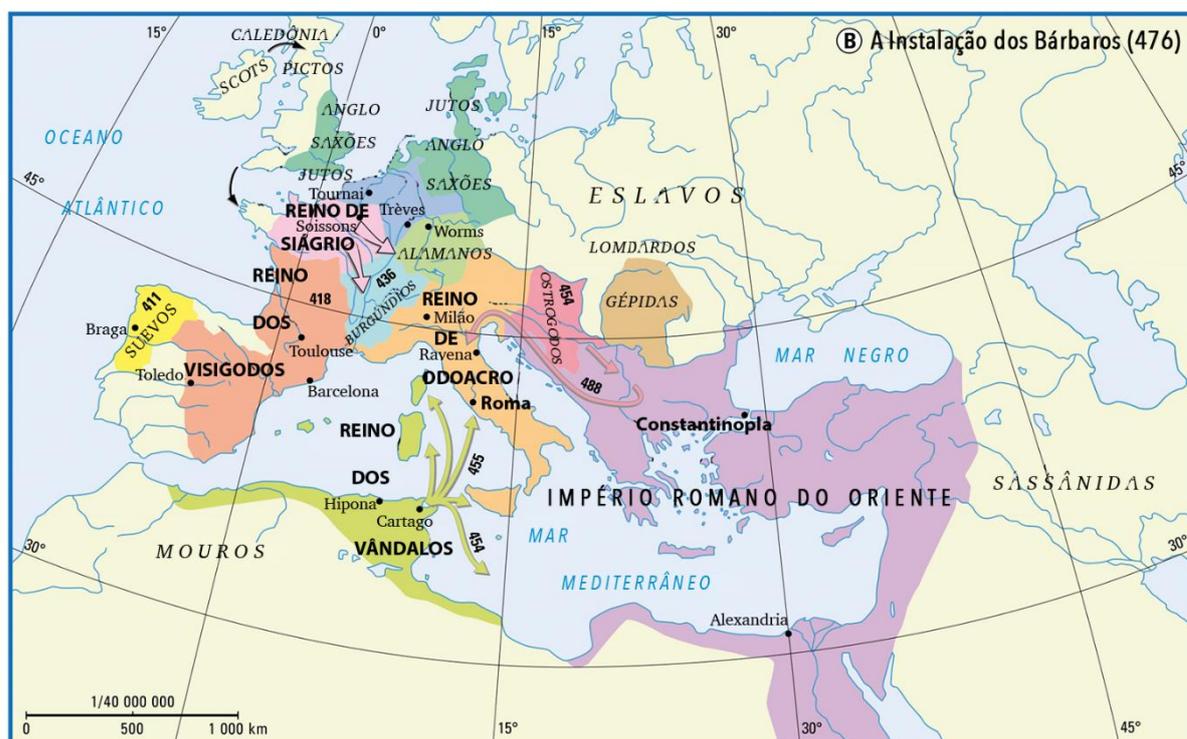
como o eslavo, o latim e o sírio (Jeffreys, 2003, p. 497). Essa crítica, por fim, é mais feita por conta do estilo de escrita do que pelo conteúdo em si, uma vez que não se enquadra em uma história clássica, tampouco Malalas estava preocupado com isso.

Consoante ao acima exposto, pretende-se mostrar como as barreiras entre um ocidente latino e um oriente grego⁵ não estão fundamentadas nos documentos do período. Assim, intende-se mostrar essa circulação de ideias e narrativas em espaços estrangeiros das fronteiras imperiais bizantinas. Portanto, o que interessa são as conexões de poder e uso de autoridade que emanavam do Império Romano do Oriente, sediado em Constantinopla, sendo exercidos em outros espaços que compreendiam o mundo mediterrânico tardo-antigo, além das fronteiras imperiais. Estas circulações se davam das mais diferentes formas, como em guerras, nas alianças militares e políticas, nos asilos políticos, na tentativa da união cristã a fim de fomentar a Ortodoxia, nos casamentos arranjados, nas leis promulgadas pelo Imperador, através do comércio, nas doenças (que circulam em meio às pessoas), entre outros. Ele justifica-se, pois, em um mundo tão conectado como o do século XXI, é interessante tentar entender como essa circulação de ideias, identidades e contatos de populações e espaços distintos davam-se em temporalidades recuadas. No caso específico desta pesquisa, a relação entre romanos e as populações bárbaras, como francos, godos e lombardos, que foram sendo acomodados nas terras romanas entre os séculos III a V⁶.

⁵ Essa ideia de uma dicotomia entre o que é Ocidente (até 476) e o que é Oriente (a partir da desagregação do Império Romano e a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, em 1453) é muito presente dentro da educação básica como um divisor pedagógico, sobretudo no trato dos livros didáticos sobre a temática. Exemplos destes livros são as coleções recentes, utilizadas nas escolas da rede estadual básica de Santa Catarina, como o Projeto Teláris (2022) e o Projeto Araribá (2022), em que ambos tratam de maneira distintas estes espaços. Igualmente, durante as leituras feitas para a construção desta pesquisa, quando o tema era apontado pelos escritores, novamente essa diferenciação – ou descontinuidade – pôde ser percebida, como no verbete “Império” (p. 621-626), presente no *Dicionário de Política* (1998) organizado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino. Este verbete foi escrito por Paolo Colliva, em que o autor afirma o seguinte: “É claro que, com aquele título, o papado fez de Carlos Magno um soberano bem diferente daquele que era antes, **separou mais uma vez o Ocidente do Oriente**, criou as bases iniciais do retorno ao Império no mundo romano-germânico.” (Colliva, 1998, p. 624, grifos nossos). Isso também pode ser verificado em Franco Júnior (1981, p. 46): “Mas todo esse poder e prestígio afastara Bizâncio do Ocidente, o que culminou em 1054 com a separação das suas Igrejas, e em 1204 com uma traiçoeira ocupação de Constantinopla por parte dos cruzados, teoricamente aliados do império contra os muçulmanos.”

⁶ A ideia de acomodação desses bárbaros está presente em obras como *Barbarians and Romans A.D. 418-584*, de Walter Goffart (1980). Esta analisa as doações e “contratos” (*foedus*) entre os romanos e os bárbaros, bem como os funcionários/aliados do Império que faziam a figura de anfitrião para receberem os bárbaros em suas propriedades, a fim de que estes passassem a viver dentro das fronteiras romanas, questionando a tese das invasões.

Figura 01: Mapa da bacia do Mediterrâneo depois da desagregação do Império Romano do Ocidente (476)



Fonte: Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/barbaros-e-romanos-eram-mais-parecidos-do-que-imaginamos/>>. Acesso em: 09 set. 2022.

Interessa-nos, assim, compreender quais foram os argumentos que estes textos do período se utilizaram para conferir legitimidade de exercício político, ideológico e religioso à autoridade imperial bizantina. Uma vez que há essa tentativa de explicar e justificar essas intervenções nestes espaços que não compreendiam seus domínios diretos na Antiguidade Tardia. Destarte, as construções destas narrativas de forma escrita demonstram a busca por legitimação e disputa pelo exercício do poder através da autoridade política. Sobretudo quando estes espaços e populações estavam fora dos limites do *basileus*⁷ bizantino e, principalmente, do centro do poder político do Oriente, que era a capital Constantinopla, às margens do Bósforo. Inclusive, o próprio Malalas começa a escrever a sua *Crônica* quando estava em Antioquia, cidade importante do Império, embora não a capital, mas que sentia a influência política do imperador nas reformas, respostas às crises (como terremotos e o saque de 540) e nos imbróglis religiosos.

Por fim, dividido em quatro partes principais, este trabalho irá, findada esta introdução, no primeiro capítulo, trabalhar com alguns conceitos importantes para esta pesquisa. Tais conceitos precisam ser discutidos para que tenhamos um referencial teórico-metodológico que nos

⁷ *Basileus* era o termo em grego para se referir ao autocrata bizantino, que na tradução para o português – que na falta de um termo que explique melhor essas relações de poder –, pode-se utilizar “imperador”.

permita entender não só a temporalidade, mas o que entendemos por Antiguidade Tardia, História Conectada, poder ou império, por exemplo. Já no capítulo dois, iremos fazer as análises documentais, selecionando trechos específicos da *Crônica* para isso e contrapondo-os com a bibliografia levantada e lida ao longo desse processo de construção. Por fim, algumas considerações serão traçadas sobre a circulação do poder imperial bizantino no Mediterrâneo tardo-antigo entre os séculos IV a VI.

2 DEBATES CONCERNENTES À BIZÂNCIO: FONTES, CONCEITOS E METODOLOGIAS

Neste capítulo, pretendemos fazer uma discussão historiográfica sobre o escopo espaço-temporal desta pesquisa, que lidam com o Mediterrâneo entre os séculos IV a VI. Ademais, também iremos fazer uma breve contextualização sobre a metodologia da História Conectada a partir da obra de Diego Holstein, *Thinking History globally* (2015), importante para pensarmos estas conexões nestes locais. Outrossim, o conceito de Antiguidade Tardia é mobilizado neste trabalho, com a leitura da obra de Peter Brown, *The world of Late Antiquity: from Muhammad to Marcus Aurelius* (1971), já que consegue explicar melhor estas transformações e transições que marcaram este período em questão. Nesse ínterim, também iremos conceituar termos específicos desta pesquisa, como *Império e Poder*, bem como o funcionamento desse poder imperial na sociedade bizantina. Tais noções ajudam no melhor entendimento do que estamos nos propondo a analisar neste trabalho.

Em vista da supracitada abertura documental e de acesso a bibliografias, esta pesquisa lida com algumas obras, inclusive clássicas, que abordam com a temática bizantina, das circulações e sobre a Antiguidade Tardia para conseguirmos analisar a *Crônica*. Dentre estas bibliografias, podemos salientar a historiadora Averil Cameron, uma das mais conhecidas bizantinistas que trabalha especificamente sobre o período em questão na sua obra *The Mediterranean World in Late Antiquity AD 395-600* (1993b). Cameron (1993b) caracteriza as agitações deste período, sobretudo pelos embates entre os elementos pagãos e cristãos, além do exercício das autoridades imperiais bizantinas em locais que não estavam, necessariamente, sob a sua direta influência, algo que se pretende mostrar nesta pesquisa. Assim, ela serve para entender o contexto bizantino que Malalas encontra quando escreveu sua *Crônica*, que era de peste, fome, guerras, consolidação do poder de Justiniano e novas configurações de poder.

No que diz respeito às fontes, iremos trabalhar com a *Crônica*, escrita por João Malalas, no século VI, que será analisada, em contraposição com a bibliografia especializada lida, de forma crítica. Iremos nos aprofundar mais na biografia de João Malalas, mas uma introdução ao nosso autor torna-se fundamental. Nesse sentido, a maioria do que sabemos sobre ele advém da própria *Crônica*, em que ele, provavelmente, nasceu por volta de 490, no final do reinado de Zenão (475-491). Embora não saibamos com precisão, ele narra os eventos finais do reinado de Justiniano, inclusive sua morte, que data de 565. Logo, nessa época, ele deveria ter por volta de 70 e poucos anos e, mesmo que pudesse estar em idade avançada, dificilmente ainda estaria trabalhando na sua *Crônica* pessoalmente, além de que afirma ter tido como fonte as pessoas

que viveram nesses períodos anteriores, que não devem ter vivido mais do que os 80 anos (Jeffreys, 2003, p. 502; 519-520).

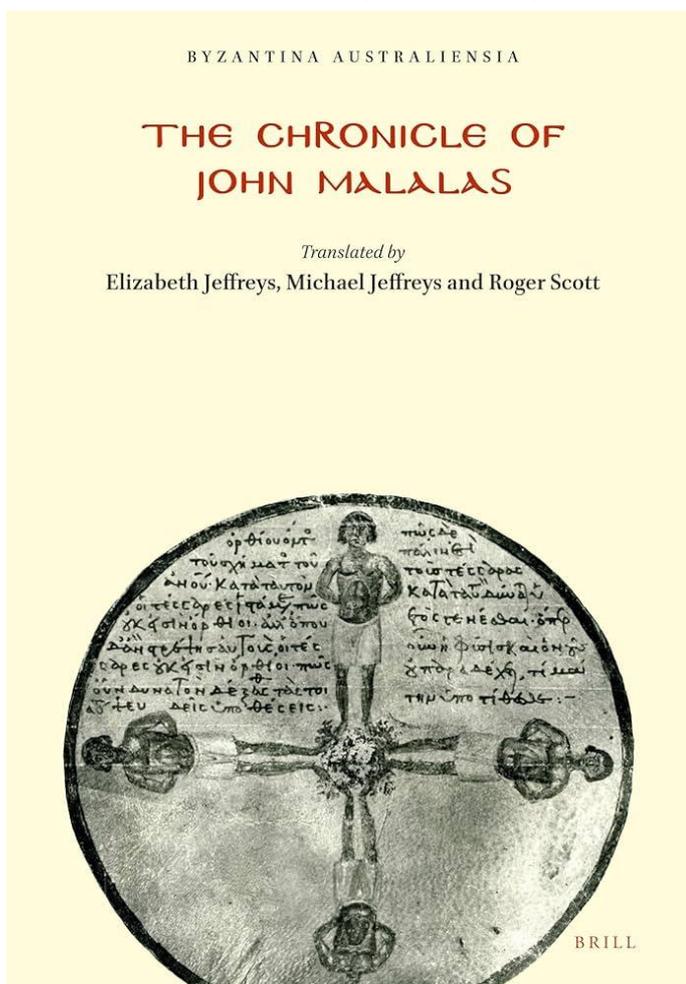
Malalas era natural de Antioquia, pois alguns autores posteriores se referem assim ao citar ele (Malalas de Antioquia ou João Sírio), sendo que o seu nome, *Malalas*, em sírio antigo significa uma pessoa instruída na retórica. Portanto, ele era falante de sírio como língua materna e aprendeu o grego, muito provavelmente, por conta da sua formação, inclusive da literatura clássica que, por não se utilizar na sua forma de escrita, fez com que a sua *Crônica* fosse alvo de críticas (Jeffreys, 2003, p. 503). Em linhas gerais, até o ano de 540, Malalas se concentra em alguns fatos específicos, como a cidade de Antioquia, o aparato estatal bizantino e as questões religiosas a partir da sua concepção milenarista, que estava esperando a vinda de Jesus novamente à Terra para marcar o “fim do mundo” (Jeffreys, 2003, p. 503). Contudo, depois do episódio do saque de Antioquia (540), ele muda-se para Constantinopla, sendo seu principal foco a cidade em si e o que acontece nela.

Ademais, por ter informações privilegiadas sobre as regiões do Império – e pelo seu interesse nessa burocracia –, Malalas foi um funcionário imperial, mesmo que dos baixos escalões. Ele, conforme argumenta Jeffreys (2003, p. 505) trabalhava no *Comes Orientis*, isto é, a administração central da diocese do Oriente, sediada na cidade de Antioquia. Outrossim, é importante frisar que a sua crônica não foi encomendada nem pelo imperador (como é o caso de Procópio de Cesareia), nem por um patrono (como as obras de Eusebio de Cesareia), mas escreveu-a de forma autônoma (Jeffreys, 2003, p. 507). Isso se dá, por sua vez, na ausência de elogios a algo ou alguém, sendo que, muito provavelmente, havia pensado que ao se tornar um escritor lido e conhecido, iria galgar maiores espaços na administração ou postos de maior prestígio social. Por fim, entre os anos de 530 e c. 568, Malalas escreveu a sua *Crônica*, que foi sendo ampliada, revista e refeita ao longo deste período.

Essa fonte, com efeito, como o próprio nome já diz, foi escrita no formato de uma crônica, sendo então diferente da linearidade e do sentido completo que uma história, por exemplo, tem. Basicamente, segundo Elizabeth Jeffreys (2003, p. 499), a *Crônica* pretende ser um compêndio de histórias seculares e bíblicas, pelo menos até o Livro X. Posteriormente, a narrativa assume um caráter mais político, inclusive sendo organizada a partir dos reinados dos imperadores, e não mais da cronologia da criação do mundo. Além do mais, há uma percepção sincrética de mundo, em que o Império Romano do Oriente seria o herdeiro do Velho Testamento, talvez por isso se explique essa virada de chave. Não há mais algo cristão ou algo secular. No fundo, tudo se tornara assunto cristão, e sua vivência no bojo da fé explicita isso (Jeffreys, 2003,

p. 499). Assim, ela é a primeira deste gênero ao congregar fontes e eventos cristãos e seculares, escrita dentro do espaço bizantino, que chegou até nós, uma vez que circulou muito e foi copiada ao longo dos séculos subsequentes.

Figura 02: Capa da edição utilizada nesta pesquisa da *Crônica*, de João Malalas. Neste frontispício, figura uma gravura de Cosmas Indicopleustes, feita no século VI, sobre as antípodas da Terra, uma vez que era um viajante bizantino de Alexandria que viveu nesse período



Fonte: Amazon. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Chronicle-Professor-Byzantine-Literature-Elizabeth/dp/0959363629>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

Ainda, a edição da *Crônica* que utilizamos nesta pesquisa é de 1986 e é uma tradução do original grego para o inglês. Em relação à tradução, segundo os organizadores Michael Jeffreys, Elizabeth Jeffreys e Roger Scott, historiadores vinculados à Australasian Association for Byzantine Studies⁸, uma associação de estudos bizantinos da Austrália. Essa associação, em 1981, lançou um projeto de tradução de textos bizantinos produzidos entre os séculos IV e XV,

⁸ O site da associação pode ser visitado em <<https://aabs.org.au/#byzaus>>. Outra importante associação de estudos bizantinos é a Dumbarton Oaks <<https://www.doaks.org/>>, com sede em Washington, DC., nos Estados Unidos.

chamado *Byzantina Australiensia*. Ele surgiu da necessidade de difundir esse importante trabalho para o estudo da história do Império Bizantino em línguas modernas, sobretudo o inglês (Jeffreys *et al*, 1986, p. IX-X), além de fomentar congressos e ciclos de debates sobre o período bizantino. Contudo, os fragmentos mais antigos da *Crônica* estão nos Fragmentos de Túsculo, que datam por volta do século VII, além de menções diretas em outras crônicas ou histórias posteriores, sobrevivendo mais como passagens do que integralmente (Jeffreys, 2003, p. 508-509).

Dessa forma, essa tradução de 1986, que utilizamos nesta pesquisa, é a primeira vez em que a obra foi traduzida completamente para uma língua moderna, neste caso o inglês. Igualmente, para essa tradução, eles utilizaram-se do exemplar que está, hodiernamente, conservado na biblioteca da Universidade de Oxford, conhecida como *Baroccianus 182*. Este exemplar de Oxford é, até o momento, o mais completo da crônica que sobreviveu à ação do tempo, visto que outras traduções conhecidas, como a latina ou a *Slavonic Malalas* se perderam ou chegaram através de menções indiretas em outros documentos, que provavelmente foram traduções diretas dos originais gregos, por volta de século X. Tal edição foi produzido entre algum período que data de fins do século XI e início do XII, parte da coleção do humanista veneziano Francesco Barozzi, que viveu entre 1537 e 1604. Esta coleção foi adquirida em 1629 por William Herbert, Conde de Pembroke, que à época era o Chanceler (reitor) da referida universidade, que trouxe a coleção para a Inglaterra em 1628 e, depois, a adquiriu, não só estudando tais obras, como também preservando-as, haja vista que esse *Codex Baroccianus* tem 242 volumes.

Por conseguinte, tal *codex* é formado por 322 fólios de papel, que compreendem todos os livros escritos por Malalas, do I ao XVIII, sendo então uma cópia das últimas edições feitas pelo autor, já que, as primeiras não avançavam todo o período de Justiniano (527-565), mas apenas até os primeiros anos da década de 530 (Jeffreys, 2003, p. 500). Contudo, cerca de nove fólios foram perdidos, dois deles que cobriam os anos finais do reinado de Justiniano e que poderiam nos ajudar a entender mais sobre esse período e sobre o autor (Jeffreys *et al*, 1986, p. XXXIII). Atualmente, tal obra pode ser consultada de maneira *online* e gratuita⁹ no original grego, que compreende os fólios do livro de Barozzi, que medem pouco mais de 30 cm de altura. Interessante notar que nesta obra não há iluminuras ou pinturas, apenas o texto escrito, diferentemente de outras obras presentes no mesmo conjunto de livros.

⁹ Disponível em: <<https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/f7665e1e-d7f1-4135-abcc-ed9952201132/>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

Igualmente, antes de prosseguirmos, algumas palavras sobre os termos presentes na pesquisa, inclusive no título deste trabalho, fazem-se necessárias, sendo eles “Poder”¹⁰ e “Império”. Nesse sentido, nos valem dos verbetes presentes no *Dicionário de Política* (1998), organizado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino. Em relação ao Poder, segundo Mario Stoppino (1998, p. 933-934), este seria a “capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: Poder do homem sobre o homem.” O autor também argumenta que, embora o Poder possa ser individual, como nas escolhas de fazer ou não uma dieta, por exemplo, no campo político ele sempre configura-se como social, uma vez que se trata de relações entre os seres humanos (Stoppino, 1998, p. 934). Não há como um governante ou um rei exercer o seu Poder se não tiver pessoas subordinadas a ele, sendo que, em alguns casos, o Poder não é exercido de forma normativa, mas sim violenta, através da coerção em determinar o comportamento dos indivíduos que tal poderoso quer influenciar (Stoppino, 1998, p. 935).

Nesse mesmo sentido, conforme aponta Stoppino (1998, p. 937), nem sempre o mais poderoso consegue exercer plenamente o seu Poder, já que os seus recursos, “como riqueza, força, informação, conhecimento, prestígio, legitimidade, popularidade, amizade, assim como ligações íntimas com pessoas que têm altas posições de Poder” por vezes não bastam. Assim, tais relações, próprias da lógica de Poder, podem ser desfeitas ou refeitas, uma vez que o sucesso da empreitada de exercer o Poder também depende dos valores daquele grupo ou indivíduo, dado que a capacidade de efetivar o Poder não está ligada apenas à posse, mas às relações (Stoppino, 1998, p. 937). Da mesma forma, o Poder torna-se previsível quando o comportamento de um grupo ou pessoa é modificado de acordo com as normas ou desejos daquele que o exerce, posto que a temida reação é constante, o que torna mais fácil conservar o Poder (Stoppino, 1998, p. 938).

Destarte, nos valem, nesta pesquisa, da segunda e quarta esferas de Poder apontadas por Mario Stoppino (1998, p. 939-940). A primeira se refere ao fato de que, quanto maior for o Poder de *A* (aqui exemplificado pelo Imperador bizantino) de agir sobre *B* (os súditos), maior é a probabilidade de *B* se comportar conforme os desejos de *A*. Já a segunda aborda o corolário em que quanto mais o comportamento de *B* for modificado por *A*, maior é o Poder deste sendo exercido em detrimento daquele. Isso pode ser observado nas jurisdições eclesiásticas promul-

¹⁰ Por conta do uso da palavra “Poder” no verbete estar em letra maiúscula, para explicitar essas relações sociais, própria das organizações humanas, preferiu-se manter tal grafia também com a primeira letra maiúscula. Salienta-se, assim, esse caráter de exercer controle ou determinar o(s) comportamento(s) de indivíduos ou grupos, de um ou milhões, a depender da abrangência desse Poder, haja vista que ele está diluído no tecido social e nestas relações entre os seres humanos.

gadas por Justiniano, que alterou profundamente a visão religiosa e política, a partir do sincretismo, tanto da púrpura imperial, como da ortodoxia da Igreja. Logo, o Poder faz parte de, praticamente, todas as sociedades humanas.

No que diz respeito ao conceito de “Império”, ao relacionar tal formação política com determinados períodos históricos, podemos ter múltiplas visões¹¹. Em linhas gerais, um Império seria aquele

Modelo tipicamente romano, tanto pela forma como pelo conteúdo, o Império representou uma solução permanente para todos aqueles regimes e instituições que, chegados a um determinado momento crítico de sua evolução, procuraram descobrir e definir uma forma superior de poder legal e internamente centralizador, a fim de superar suas dificuldades (Colliva, 1998, p. 621-622).

Dessa maneira, cada vez mais, o Imperador sempre buscava fortalecer o seu Poder, bem como de políticas expansionistas, na busca de consolidar algum tipo de ideia de universalismo, um *unicum*. Isso seria, com efeito, a expressão de coordenador daquela parcela da humanidade que seguia os mesmos costumes, ideais políticos e culturais. Conforme aponta Colliva (1998, p. 622), “tal foi o Império bizantino, gestor e titular do grecismo e do cristianismo oriental”. Outrossim, o Poder do Imperador, de acordo com o autor (1998, p. 622), era eterno, na lógica de perpetuidade do Poder, também abordada por Stoppino (1998, p. 940). Sua autoridade, além de ligada à legitimidade, estava vinculada à tradição, aquele que “existe desde sempre e deve continuar assim.” Não se questiona, se aceita, principalmente nos modelos imperiais revestidos por um forte verniz religioso, como é o caso bizantino.

Portanto, consoante a Colliva (1998, p. 622), essa forma de Império servia “como instrumento concebido pelo próprio Deus para este fim, elemento especial e exclusivo de salvação espiritual e temporal, guia único, absoluto, perfeito e permanente.” Logo, nenhum homem na Terra estava acima do *basileus*, visto esse seu caráter dignificado pela autoridade celestial. Do mesmo modo, a perpetuação da própria religião estava intimamente ligada com a conservação das estruturas imperiais e do poder do Imperador. Caso o Império caia em ruína, toda a doutrina cristã padeceria junto com o corpo político (Colliva, 1998, p. 622). Por inferência, esse imperador era a cabeça desse corpo político denominado de Império, funcionando como um autocrata, isto é, aquele que exerce poder por ele mesmo, muitas vezes, como salientado por Colliva (1998, p. 623), de maneira autoritária. “Duro autocrata de quem tudo dependia: do regime fiscal

¹¹ Como é o caso dos Império Antigos, como Roma e Bizâncio, ou dos Modernos, por exemplo o Britânico, além dos fenômenos associados aos impérios, como o Imperialismo, muito imbuído no estudo daqueles que se dedicam ao período do século XIX.

ao militar, do tabelamento coativo ao sistema produtivo, da política internacional às questões religiosas.” (Colliva, 1998, p. 623-624).

Nesse sentido, o exemplo da autocracia bizantina merece destaque, visto que, com a oficialização do rito, no último quartel do século IV, cada vez mais os assuntos da Igreja diziam respeito ao Império, como fator identitário e unitário de povos tão diversos. Porém, diferentemente do modelo que predominou na Europa Ocidental depois da desagregação a partir de 476, em que o Papa cuidava da Fé e o Imperador da política, a “*Sancta romana respublica*” (Colliva, 1998, p. 625), na parte bizantina não há essa separação: tudo é muito fluido e sincrético. Religião e Império fazem parte desse *unicum* perpétuo que deve ser garantido e mantido, pois a ordem “natural” (na visão deles, evidentemente) era essa a partir do princípio *Omnis potestas a Deo*¹² (Colliva, 1998, p. 622). Por isso não era um problema um imperador não batizado, como é o caso de Constantino, presidir o Primeiro Concílio Ecumênico da Igreja Cristã, pois a sua autoridade havia sido dada por ordem divina. Deus no Céu, Imperador na Terra.

Portanto, o poder imperial bizantino, consoante a Hilário Franco Júnior (1981, p. 32), era sincrético entre Cristianismo e Imperador. Isso pode ser percebido na forma como a sociedade se organizava: “como Deus é o regulador da ordem cósmica, o imperador deveria ser o regulador da ordem social.” Por conseguinte, mesmo que fosse um autocrata, sua aprovação e permanência dependia de três instituições, sendo elas o Senado, o Exército e o Povo, mesmo sem uma regra sucessória definida (Franco Júnior, 1981, p. 34). A partir dessa vinculação entre o mundo divino e o terreno, o trono estava aberto a qualquer um que fosse legítimo – no caso, escolhido por Deus – para reinar nas púrpuras, mesmo que deveria obedecer a certos requisitos, como não ter sido excomungado ou não ter algum tipo de deficiência ou mutilação. Desse último quadro estavam excluídos os eunucos, homens castrados de grande importância no âmbito da Corte, mas que estavam fora da corrida pela coroa por conta da sua condição física (Franco Júnior, 1981, p. 35).

Nesse sentido, embora os poderes do Imperador se estendessem sobre toda a sociedade bizantina e sentido fora dela, era limitado à duas coisas. A primeira era, com efeito, o juramento feito às leis, comprometendo a segui-las. A segunda, por outro lado, era a fidelidade aos decretos dos Concílios Ecumênicos e dos privilégios da Igreja (Franco Júnior, 1981, p. 36). Destarte, o respeito às instituições religiosas também operava como uma forma de coesão social a partir de elementos identitários que juntavam diferentes povos em um só. De acordo com Franco Júnior (1981, p. 37), “em função disso enunciou-se a fórmula ‘um só senhor, uma só fé’. Ou

¹² Todo o poder vem de Deus (tradução livre).

seja, como Deus atuava através dos anjos, o imperador fazia-o através de funcionários, permitindo a unidade terrestre que se deveria basear na do modelo celeste.”

À guisa disso, as guerras e conflitos travados com outros territórios eram justificados por esse viés de vontade divina, o que legitimava esse imperialismo bizantino que, segundo eles próprios, estaria “encarregado do Bem universal” (Franco Júnior, 1981, p. 42). Por conta disso, a ideia de uma superioridade em relação aos demais povos era notória, rotulando-os como “bárbaros”, “corrompidos” ou “incivilizados”. Portanto, o que podemos perceber a partir do poder imperial sediado em Bizâncio é a sua característica de atuação em assuntos religiosos e políticos, entendidos como um só neste período, não apenas para ser legítimo, mas para manter a união da sociedade. Dessa forma, cada vez mais o Império do Oriente ganhava feições de cultura grega e deixava sua herança latina (Franco Júnior, 1981, p. 44), mesmo que os contatos ainda acontecessem. Esse tipo de proximidade pode ser sentido na língua, na forma de administração e na presença do Cristianismo Ortodoxo, além da aplicação das leis. Em última palavra, o *basileus* era o vice-rei de Deus na Terra, que deveria organizar a sociedade do mundo inteiro, a fim de garantir o equilíbrio universal e o bom funcionamento social. Um Deus, um Imperador, característica típica neste período da Antiguidade Tardia para o espaço bizantino.

2.1 DO CONCEITO DE ANTIGUIDADE TARDIA

Em relação ao conceito de Antiguidade Tardia e o porquê preferimos utilizar ele nesta pesquisa, nos valem dos escritos do britânico Peter Brown. Este historiador traz um debate mais abrangente sobre esse período conhecido como Antiguidade Tardia, uma vez que foi ele quem cunhou o termo na sua obra fundamental, de 1971, *The World of late Antiquity: from Marcus Aurelius to Muhammad*. Nela, salienta-se a especificidade deste período de transição, que ainda não configura-se como uma Alta Idade Média, como proposto pela historiografia francesa. Contudo, não se trata, igualmente, de um período da Antiguidade, principalmente pelos novos elementos, como a Nova Roma, o Cristianismo, a autocracia bizantina, novos atores sociais etc. Dessa forma, a partir da leitura de Brown, utiliza-se do conceito de *Antiguidade Tardia* nesta pesquisa justamente para mostrar as relações e transições que começam a acontecer neste período entre os séculos IV a VI.

Logo, urge a necessidade de conseguir entender essas mudanças, mas sem destruir as raízes de um período clássico. Isto é, entender esse período que vai do século II ao VII como uma transição, de um período diferente daquilo que já não existia mais (como a instituição

Roma, a cultura greco-romana clássica, a filosofia antiga etc.). Entretanto, observamos ainda a preservação de certos elementos, por exemplo, a administração imperial e esse tipo de organização política. Porém, com profundas alterações, sobretudo religiosas, na vida pública e privada de um vasto Império que circundou, no século II, todo o Mediterrâneo e outros territórios no centro e norte da Europa. Sendo que foi em torno do mar que as maiores mudanças aconteceram, dado que, segundo Brown (1971, p. 12), a “água é, para os primeiros sistemas de transporte, o que foram os trilhos de trens para a era moderna: a única e indispensável via para cargas pesadas.”¹³

Dessa maneira, esse mundo mediterrânico, por séculos, ficou fadado à indigência, justamente por suas poucas áreas cultiváveis e relevo irregular que não propiciavam vastas colheitas. Com isso, esse espaço utilizou-se das águas como fonte de riqueza e suprimento (Brown, 1971, p. 12). Nesse ínterim, o Mediterrâneo surge como pano de fundo de uma abrangente teia de acontecimentos na malha temporal, não só como um espaço físico em que uma série de interpelações humanas, ambientais, sociais, econômicas, políticas e culturais acontecem, mas sim um espaço privilegiado para a análise histórica a partir da História Conectada. Citando Braudel, que não via o Mediterrâneo apenas como localização geográfica, mas sim um espaço para o “estudo histórico centrado sobre um espaço líquido” (Braudel, 1983, p. 23), podemos ver as dinâmicas intrínsecas dessas populações com o grande mar. É neste tipo de “geografia” que este estudo se centra, buscando entender como o mar era importante para essas trocas e mudanças para as pessoas que viviam ao seu entorno. Assim sendo, torna-se ele o local propício para a difusão de conhecimentos, epidemias, poderes, normativas religiosas, legislativas, jurídicas, entre outras, bem como do poder imperial bizantino. Logo, conforme Braudel (1983, p. 126), “o Mediterrâneo não é um mar, mas uma sucessão de planície líquidas que comunicam entre si por portas mais ou menos largas.”

Por conseguinte, neste contexto de mudanças que passam a ocorrer mais fortemente no Mediterrâneo tardo-antigo, pode-se salientar três que causaram uma grande ruptura à época. Primeiramente, a saída da capital do Império Romano de Roma, que ainda no século IV havia um grande peso na cultura e no ideário. E, outrossim, a conversão de Constantino, que promulgou o Édito de Milão¹⁴, entre 312 e 313 e, posteriormente, a oficialização do rito cristão como

¹³ Do original: Water is to all primitive systems of transport what railways have been in modern times: the one, indispensable artery for heavy freight.

¹⁴ O Édito de Milão, promulgado em fins do 312 em Nicomédia por Licínio em concordata com o imperador Constantino, garantiu a liberdade de culto para os cristãos, isto é, as perseguições deixaram de ser empreendidas pelo Império Romano. Muito embora ainda houvesse, diminuíram significativamente, não mais sendo feitas de

religião oficial do Império sob Teodósio, nos anos 380. Com essa mudança de significado sobre a instituição “Roma”, no Oriente grego, todo o poder começou a ser passado para as mãos do imperador, criando assim um poder autocrático. O imperador se tornou a figura mais poderosa do império, aglutinando todo o poder das províncias em si mesmo.

Essa foi, sobretudo, uma das diferenças entre o Oeste e o Leste romanos, em que, a Oriente, mais pessoas faziam parte desse governo, criando assim um entusiasmo ainda não visto no Ocidente pela figura do Imperador e uma maior participação na governança de diferentes espaços (Brown, 1971, p. 43). Sendo assim, o Ocidente permaneceu esmagadoramente agrícola e com um acúmulo de riquezas que diminuía e que também foi sendo aglutinado por algumas famílias, o que criou uma oligarquia rural que controlava extensas áreas de terra. Já a Oriente, devido às transações comerciais e fundação de novas cidades em torno da bacia mediterrânea, em que várias famílias, e não meia dúzia de pessoas, esforçavam-se para manter o controle sobre sua própria cidade. Dessa forma, criou-se uma sociedade mais “igual” (ou melhor, com menos desigualdade) se comparada com as do Ocidente (Brown, 1971, p. 43).

Porém, de fato, foi a conversão de Constantino ao Cristianismo que fez com que o Império Romano encontrasse maiores problemas neste período da Antiguidade Tardia, pois, além de alterar a estrutura política, causou dilemas na esfera social também¹⁵. Estes problemas se deram, majoritariamente, na questão da identidade dessas pessoas, já que esse novo elemento – a religião cristã – agora também seria um importante fator a ser levado em consideração, sobretudo depois da oficialização. Como mostrado por Patrick Geary (2005, p. 57), o nacionalismo é uma invenção moderna do século XIX, porém, afirmar isso, não significa que, em temporalidades recuadas, não houvesse nenhum tipo de identificação entre a população ou que visasse distanciar-se dos outros. Antes de 212, consoante a Geary (2005, p. 76-77), com o Édito de

maneira institucionalizada, como aquelas feitas por Diocleciano em fins do século III, por exemplo. O problema dos cristãos é relacionado ao fato de que eles não faziam o culto à imagem do imperador, mas que nunca foi um culto proibido – nem legalizado. A questão que mudou é o fato de que agora todos os cultos estavam liberados e não dependeriam mais das políticas de perseguição ou não dos imperadores regentes, além de que o Édito garantiu a reapropriação das terras confiscadas dos cristãos anteriormente (Della Torre, 2023).

¹⁵ Embora este não seja o tema principal desta pesquisa, é inevitável abordar sobre o episódio da conversão de Constantino, já que tem uma importância significativa para o próprio desenvolvimento do Cristianismo e da organização do poder imperial na sociedade bizantina. Eusébio de Cesaréia, seu biógrafo – quase hagiógrafo – pontua que ele se converteu quando viu o sinal de Cristo em sonho. Contudo, não há outros indícios de que ele, de fato, converteu-se. Porém, o que importa é a narrativa que cristalizou Constantino como este grande cristão e o primeiro dos imperadores, sendo que, depois dele, todos o que se seguiram nas púrpuras imperiais. Dessa forma, a agenda cristã também se tornou a agenda imperial, dado que estamos falando de uma sociedade sincrética desde sua concepção, sendo que os imperadores promoviam e favoreciam essa prática (Brown, 1971, p. 27). Conforme aponta Murilo Della Torre em *podcast* do núcleo LEME da Universidade de São Paulo, Constantino se tornou o rosto visível de uma demanda reprimida, sendo que o importante é a sua declaração de fé, não, necessariamente, a sua fé ou conversão efetivas (Della Torre, 2023).

Caracala¹⁶, havia uma caracterização simples: entre os romanos e os não romanos. Depois do Édito, a diferenciação social – que não fazia mais sentido ser entre os cidadãos e não-cidadãos, uma vez que agora todos eram cidadãos – passa a ser entre livres e escravos. Além de algumas identidades mais regionais baseadas nas províncias, que também funcionavam como meios de distinção para com o outro.

Contudo, no século IV com a institucionalização da religião cristã e o seu monoteísmo radical, a ideia de identidade também deveria levar em consideração a parte religiosa. “Sendo o cristianismo uma religião oficial, a relação entre *christianitas* e *romanitas* precisava ser questionada. Nem todos os habitantes do Império eram cristãos: isso os tornaria menos romanos? Além disso, os cristãos não eram unidos entre si.” (Geary, 2005, p. 112). Ademais, se um dito bárbaro poderia ser cristão e um romano poderia ainda ser pagão, qual dos dois era mais romano? Foram todos estes os dilemas que o corpo político e o poder imperial romano encontraram a partir do final século IV, o que marcou um período de grande agitações e transformações na bacia do Mediterrâneo.

Portanto, conforme mostra Bryan Ward-Perkins (2006, p. 171),

A única maneira pela qual a “Antiguidade Tardia” pode funcionar como uma unidade para todo o mundo romano, e profícua nisso, é por uma concentração em uma mudança “positiva” que impactou todo o mundo pós-romano e todo o período entre 250 e 800: a expansão e triunfo momentâneo, sobre as antigas religiões de Roma e da Pérsia, de dois grandes cultos monoteístas, o Cristianismo e o Islamismo. A nova Antiguidade Tardia realmente foi construída em torno desses desenvolvimentos e das mudanças notáveis que eles provocaram atitudes em relação a muitos aspectos centrais da condição humana, como a sexualidade, a morte e a família.¹⁷

Destarte, esse período da Antiguidade Tardia, para Ward-Perkins (2006, p. 176), é de profundas transformações. Muitas vezes sutis, mas que tiveram grandes efeitos, que fazem com que essa temporalidade, em específico no espaço romano, seja ímpar ao longo da história. Uma vez que esse Império, diferentemente de outros conhecidos, não teve fim ou grandes problemas relacionados a revoltas separatistas ou provinciais. A maioria dos provincianos abandonava a

¹⁶ O Édito de Caracala, de 212, promulgado por este Imperador, definiu que agora a cidadania romana não se daria apenas por questões de nascimento, como era anteriormente. Depois desse Édito, todos os homens livres que habitavam nas fronteiras romanas passaram a ser considerados cidadãos.

¹⁷ Do original: The only way that ‘Late Antiquity’ can work as a unit for the whole Roman world, and a positive one at that, is by a concentration on the one ‘positive’ change that did impact on the entire post-Roman world and the whole period between 250 and 800: the spread, and momentous triumph, over the older religions of Rome and Persia, of two great monotheistic cults, Christianity and Islam. The new Late Antiquity has indeed been built around these developments and the remarkable changes that they brought about in attitudes towards many central aspects of the human condition, such as sexuality, death, and the family.

sua própria identidade tribal, mais íntima com a região em que era nascido, para se estabelecer e tornar-se romano, características totalmente diversas dos impérios modernos. E acrescenta que “o século V testemunhou uma profunda crise militar e política causada pela violenta captura do poder e grande parte da riqueza pelos invasores bárbaros.”¹⁸ (Ward-Perkins, 2006, p. 183).

Consoante a tudo isso, percebe-se que o termo *Antiguidade Tardia*, nesta pesquisa, é empregado justamente no sentido de mostrar como este período é diferente. Uma era de transição e transformações que ocorrem em diversas instâncias institucionais e sociais, sejam elas políticas, culturais, normativas, religiosas, comerciais etc. Além disso, exprime melhor as próprias características deste período, como um prolongamento da Antiguidade Clássica, mas com elementos inovadores, mesmo que ainda não formavam uma tradição medieval, pelo menos, até no século VII.

2.2 A METODOLOGIA DA HISTÓRIA CONECTADA

Assim, esta pesquisa insere-se na esteira da metodologia da História Conectada, uma perspectiva historiográfica que vem ganhando campo nos debates acadêmicos e novas produções, principalmente no espaço-tempo da Idade Média. Ela busca compreender estes lugares distintos não de maneira isolada ou autônomos, mas conectados e que travavam conexões das mais variadas formas. À guisa disso, com a História Conectada, rompem-se as velhas fronteiras territoriais e remodela-se as estremaduras entre estes locais das temporalidades mais recuadas, isto é,

Desenha-se uma outra expansão territorial, uma vez que se pensa em termos de redes, que podem ser ou não contínuas e altera-se as lógicas espaciais (o Mediterrâneo, a Eurásia, a inclusão do mundo africano). [...] Mudam-se os tempos e os recortes cronológicos, uma vez que cronologias tradicionais [...] não dão conta de explicar as dinâmicas de mobilidade dessa sociedade, que se mostra muito mais complexa, fluída e diversa do que se poderia imaginar a partir das datações fechadas. Finalmente, mostra-se a complexidade das identidades, eliminando a substancialização e a essencialidade, para se pensar em termos de identidades mistas, com características compartilhadas com várias identidades. Assim, os conceitos de “comunicação e circulação” permitem tratar de questões relacionadas à construção da memória e da historiografia, da circulação e das transferências de imagens e de objetos, das redes de comunicação política e social, das trocas comerciais e dos bens, da construção dos conceitos e do conhecimento, dos usos e circulações das imagens políticas, das trocas culturais, sociais e políticas em espaços geográficos diferenciados (Cândido da Silva, 2020, p. 12).

¹⁸ Do original: The fifth century witnessed a profound military and political crisis, caused by the violent seizure of power and much wealth by the barbarian invaders.

Assim, a busca de entender tais conexões na Antiguidade Tardia justifica-se, pois, em um mundo tão conectado como o do século XXI, é interessante tentar compreender como essa circulação de ideias, identidades e contatos de populações e espaços distintos davam-se em temporalidades recuadas. Conexões estas que, com efeito, não eram exclusivamente de forma violenta, mas por relações e aproximações de sociedades que não estavam tão distantes quanto se pensava. Dito de outra maneira, como sintetizou muito bem Yuval Harari (2015, pp. X-XI) no prefácio à célebre obra de Diego Olstein, *Thinking History Globally* (2015), como nosso mundo hoje é conectado, o passado também era. Nunca houve nenhum tipo de presente que fosse totalmente isolado de outros locais, populações, redes de comércio, estruturas de poder etc. Como hoje não existe uma cultura ou população que seja 100% estrangeira, o presente histórico também era assim. Logo, pensar a história (e o passado por inferência) de uma forma conectada é uma urgência para sua melhor compreensão.

Dessa maneira, os historiadores não estão, necessariamente, preocupados com o tamanho da análise em si, mas na intensidade. “Em outras palavras, as unidades individuais interligadas de forma interdependente que acabam por ser absorvidas por uma unidade maior de análise: o sistema, as conexões entre as unidades”¹⁹ (Olstein, 2015, p. 75). Ainda, é oportuno salientar que, conforme mostra Olstein (2015, p. 79), ao abrangermos mais espaços e aspectos na análise, não significa, necessariamente, que tudo será considerado ou analisado, haja vista que uma história *total* é quase impossível de ser feita. O que implica com a História Conectada é *considerar* diversos elementos como parte fundante e necessária para a análise, um contexto relevante que deve ser compreendido para, posteriormente, se aprofundar em uma ou mais questões presentes nos documentos selecionados pelo pesquisador. Nesse viés, a história oceânica, um campo da História Conectada, surge com fôlego para entender estes espaços líquidos e com dinâmicas sociais diferentes das terrestres. Com ela, se transcende as fronteiras políticas e delimitações estatais, mostrando surpreendentes conexões entre as sociedades.

Portanto, para Olstein (2015, p. 112), “as histórias oceânicas vão além das fronteiras de qualquer império ou de futuros Estados-nação, enfatizando contatos, fluxos e redes inter-regionais que lembram a história transnacional.”²⁰ A partir do fenômeno da globalização, sobretudo dos anos 90, surge então a necessidade de analisar o passado de uma maneira menos estanque, que encontrou fôlego na História Conectada. De acordo com Marcelo Cândido da Silva (2020,

¹⁹ Do original: In other words, the individual units interdependently entwined end up being absorbed into a larger unit of analysis: the system, the connections between units.

²⁰ Do original: Oceanic histories move beyond the boundaries of any single empire or future nation-states, emphasizing interregional contacts, flows, and networks reminiscent of transnational history.

p. 06), esta seria um método de interpretação que “busca, por meio do vaivém incessante entre os diversos níveis (temporais e espaciais), identificar analogias, paralelismos, bem como as conexões que não se poderiam identificar em uma abordagem mais fechada e estática.” Com isso, através do estudo das comunidades (Cândido da Silva, 2020, p. 08) e não mais de classes ou estamentos, por exemplo, consegue-se analisar tais espaços e fenômenos de maneira mais abrangente. As comunidades, por excelência, implicam em indivíduos que, por terem práticas comuns, se aproximam ou se distanciam, a depender do olhar, o que nos permite analisar as suas identidades, fatores culturais, políticos, econômicos, sociais etc.

Inclusive, com a História Conectada, em última análise – mesmo que seja mais difícil de ser feita e o risco do anacronismo seja maior –, é possível fazer uma comparação de sociedades que nunca travaram contatos. Nas sociedades que os tiveram, conforme salienta Cândido da Silva (2020, p. 09), isso pode ser feito com a “circulação de homens, de ideias, de notícias, de bens e de objetos em geral. A comunicação é um aspecto importante desses contatos e uma característica essencial de todas as formas de vida social.” Já para as comunidades que não tiveram esses contatos ou não pertencem ao mesmo tempo histórico, podemos “submeter a um mesmo questionamento sociedades que não possuem, *a priori*, nada em comum” (Cândido da Silva, 2020, p. 09). Isto é, novas formas de perceber, entender, analisar e explicar as sociedades de diferentes temporalidades a partir de novos prismas historiográficos que não os mais tradicionais e/ou nacionais. Com isso, novos fenômenos, antes despercebidos, podem ser vislumbrados através deste tipo de metodologia da História Conectada.

Por conseguinte, com essas novas abordagens temáticas, temporais e espaciais, conforme aponta Cândido da Silva (2020, p. 12), pode-se romper o estereótipo de que as sociedades tardo-antigas e medievais seriam profundamente fechadas, estanques, conservadoras e estáticas. Por outro lado, eram sociedades que, se analisadas através das conexões e circulações evidenciam um “mundo aberto e diverso” (Cândido da Silva, 2020, p. 12). Exemplo disso são os surtos de peste, que antes de uma doença, mostra a circulação de pessoas e bens por espaços distintos ao longo do tempo que, ao serem mapeados, mostram como estes espaços distintos estavam conectados (Cândido da Silva, 2020, p. 13). Portanto, usar a História Conectada “é quebrar as compartimentações das histórias nacionais e dos espaços culturais, de forma a salientar a interação entre o local e regional e o supra regional”. Por consequência, é uma “recusa à fragmentação historiográfica e às compartimentações disciplinares: ela pretende mobilizar todas as disciplinas.” (Cândido da Silva, 2020, p. 13).

Destarte, a História Conectada nesta pesquisa mostra-se como uma metodologia profícuca para interpretar estes locais distintos não a partir da sua visão dicotômica ou assíncrona, mas das conexões e sincronias que podem ser visualizadas. Sendo assim, tal método historiográfico busca a articulação entre espaços e comunidades como um todo, não só no sentido de expandir a análise e o espaço-temporal, mas a forma de analisar e entender tais comunidades. Por conseguinte, não trata-se apenas de estudar espaços, como o Império Bizantino, que ficam relegados a uma posição subalterna em relação a outros temas, como o Império Romano Ocidental. Deve-se incorporar outros elementos não usuais nestes estudos e análises históricos, como o uso “da climatologia, da arqueologia, da demografia” (Cândido da Silva, 2020, p. 15) etc. Em suma, com estas novas abordagens, que hoje se configuram uma necessidade, visto a multiplicidade de fontes e temáticas, anteriormente invisibilizadas, podemos construir um conhecimento histórico mais interessante para compreender o passado. Principalmente em espaços e formas de poder radicalmente diferentes dos nossos, como é o caso do Império Romano Oriental.

Nesse ínterim, é oportuno frisar que esse espaço bizantino era extremamente simbiótico em relação ao sincretismo arquitetado pelo poder político imperial junto à religião cristã, que estava em formação durante esse período. Porém, isso não é algo totalmente inédito na história, em que o vínculo entre poder religioso e político eram quase que indissociáveis, seja no período Antigo ou no Medievo. A novidade, nesse sentido, era que essa religião agora era monoteísta e, mais do que isso, exclusivista, devendo ser a crença universal (Boy, 2022, p. 95). Portanto, mesmo que não houvesse concordância entre toda a Cristandade, haja vista que as dissidências – ou heresias – sempre estiveram presentes no cerne da Igreja, mesmo após cessarem as perseguições com o Édito de Milão, em 313. Esse cenário aumenta, por sua vez, quando o Cristianismo torna-se a única religião possível de ser cultuada, a partir de 380, sendo que as demais deveriam ser suprimidas.

Em vista do acima exposto, intende-se mostrar nas linhas que se seguirão, como as barreiras entre um ocidente latino e um oriente grego, não estão fundamentadas nos documentos do período. Isto, por sua vez, é muito presente desde a educação básica até o ensino superior como marco didático e historiográfico do fim da Idade Antiga e início da Idade Média. Dessa forma, a partir do estudo das fontes documentais selecionadas, é exequível constatar essa circulação de ideias e narrativas em espaços estrangeiros das fronteiras imperiais bizantinas tardo-antigas. Portanto, o que interessa são as conexões e exercícios de poder que emanavam do ori-

ente grego (bizantino), sediado em Constantinopla, que eram exercidos no ocidente latino. Espaços distintos e com suas próprias particularidades, bem como com outros lugares que compreendiam o mundo mediterrânico à época tardo-antiga que mantinham conexões com Bizâncio.

2.3 AS FONTES: A *CRÔNICA*, DE JOÃO MALALAS

No tocante às fontes, nesta pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, iremos utilizar a *Crônica*, de João Malalas, documento que remonta ao século VI. Esta crônica foi traduzida do grego original para o inglês, em 1986, por Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys e Roger Scott, edição esta que será utilizada ao longo da pesquisa. Esta crônica é, com efeito, uma fonte já bastante conhecida da historiografia, muito embora seja um divisor de opiniões em relação a sua qualidade e rigor. Nesse ínterim, Roger Scott argumenta que João Malalas tem uma importância fundamental para que se consiga entender este período tardo-antigo. Visto que, diferentemente de Procópio de Cesareia, outro historiador bizantino do período e que deu preponderância aos conflitos militares de Justiniano, para Malalas, estes são feitos secundários. Malalas, por sua vez, está preocupado com outras coisas, como as facções do hipódromo²¹, a construção de Constantinopla²², a revolta de *Nika*²³ ou as doenças que assolaram o período (Scott, 2016, p. 01-03).

²¹ As facções do Hipódromo (ou facções do Circo) de Constantinopla (mas estavam presentes em outras cidades do Império), funcionavam, anacronicamente comparando, como partidos políticos, com seus representantes internos e suas demandas apresentáveis aos imperadores. As mais famosas de Constantinopla, com efeito, foram os Azuis e os Verdes, mas havia outras cores, como Vermelhos, Brancos ou Amarelos. Dessa forma, serviam de apoio para a organização das corridas e dos eventos no Hipódromo, bem como poderiam ajudar o Imperador em determinado momento, caso a barganha fosse interessante. Para mais, ver Cameron (1976) e Akyürek (2021).

²² Constantinopla ou Bizâncio, era uma cidade localizada às margens do Estreito do Bósforo, na atual Turquia, que corresponde à grande parte da cidade de Istambul moderna. Encontro entre os continentes europeu e asiático, foi fundada por marinheiros gregos por volta do século VII a.C., advindos da cidade-estado de Mégara, homenageando o rei Bizas na escolha do nome da cidade. Essa cidade específica, antes de se tornar a capital imperial, tinha já algumas edificações e administrações, mas ocupava um posto secundário. Contudo, quando Constantino se torna imperador, logo começa empreender uma série de reformas e ampliações urbanas na cidade, como a construção de fóruns, teatros, palácios, prédios administrativos e ruas. No ano de 330 d.C., se transfere para lá, inaugurando assim a nova cidade, que acabara de se tornar capital do Império também. A escolha não foi por acaso: sua localização estratégica garantia a passagem de um comércio intercontinental riquíssimo e suas defesas naturais, como águas e montanhas, garantiam a segurança das pessoas que ali habitavam e que a fez resistir por quase 900 anos sem maiores invasões, até a Quarta Cruzada, em 1204. Sempre vinculada à cultura grega helenística, Constantinopla também foi um importante espaço de intelectualidade, produção de conhecimento e de política, visto as constantes conexões com os demais territórios que formavam o Império. Na época de Justiniano, era uma das maiores cidades do mundo, com mais de 600 mil pessoas. Para mais, ver Evans (1996, p. 23-40) e Boy (2019).

²³ Esta revolta específica, que ocorreu entre 09 e 16 de janeiro de 532 na cidade de Constantinopla, foi organizada pelas facções do Hipódromo, que se juntaram para se revoltar contra as medidas arbitrárias do imperador Justiniano. O saldo da revolta foi grande parte da cidade destruída devido a incêndios, como a igreja de Hagia Sophia e o Palácio Imperial, bem como mais de 30 mil pessoas mortas. Para mais, ver Evans (1996, p. 119-125).

Por outro lado, Roger Scott, no artigo “Chronicles *versus* Classicizing History: Justinian's West and East” (2016a), trabalha especificamente sobre a importância de outros gêneros textuais para dentro do campo histórico, isto é, as crônicas, em especial a de Malalas. Esta crônica bizantina, com efeito, é a primeira do gênero que chega até o presente, e que trabalha com diversas questões interessantes dentro dela mesma, como o fechamento da escola de Atenas e a peste justiniana. Sendo que se deve fazer uma defesa das crônicas que, por muito tempo, ficaram relegadas a uma posição subalterna em relação às histórias, não pelo conteúdo, mas pelo caráter literário. Dessa perspectiva, Scott (2016a) resgata essas crônicas e mostra a sua importância, uma vez que, para muitos casos, constitui-se como a única fonte a abordar determinados assuntos, sendo cabal trabalhar com elas.

Porém, Malalas é, igualmente, um autor que recebeu diversas críticas dos historiadores ao longo dos anos, principalmente pela forma que ele escrevia que, diferentemente de Procópio de Cesareia ou de Jordanes, não vinha de uma tradição grega clássica. Ademais, sua crônica é recorrida pela historiografia mais para fechar lacunas do que, de fato, fazer uma análise completa, juntando as pontas quando, geralmente Procópio, não aborda sobre este ou aquele assunto. Entretanto, consoante a Scott (2016, p. 02-03), isso não é proveitoso, pois dever-se-ia analisá-la como uma obra total, e não apenas uma fonte documental para preencher os vazios e hiatos que outros historiadores não citaram em suas próprias obras. Além de que acreditar cegamente em qualquer fonte sem a devida problematização ou comparação pode levar os estudiosos a más interpretações acerca do período.

Uma das críticas à obra de João Malalas é de Warren Treadgold no seu livro *The Early Byzantine historians* (2007), afirmando que

O trabalho de Malalas, embora, às vezes, forneça valiosas informações históricas, é, talvez, a que contou com menor sucesso entre as primeiras histórias bizantinas enquanto literatura. Dessa forma, os bizantinos mais educados teriam deplorado seu estilo, principalmente por escrever em um grego incorreto e por carecer de qualquer cuidado ou encantamento [por conta do modelo clássico de escrita, como os de Procópio de Cesareia] na sua escrita.²⁴ (2007, p. 245).

Assim, para Treadgold (2007, p. 235), a escrita de Malalas era popular, não no sentido de ser bem conhecida à época ou gozar de um certo *status* de prestígio nos círculos de produção literária, mas por sua escrita que se aproximava do grego vernáculo deste período. Ainda, o

²⁴ Do original: Malalas' work, though sometimes supplying valuable historical information, is perhaps the least successful of the early Byzantine histories as literature. Educated Byzantines would have deplored its style, both for being in incorrect Greek and for lacking any kind of care or grace.

autor afirma que a *Crônica*, em grande parte, não foi escrita por Malalas, mas por Eustácio de Epifânia²⁵. Dessa forma, Treadgold (2007, p. 251) argumenta que, o que ele acredita que aconteceu foi que Eustácio, por também ter morado em Antioquia, morreu no terremoto que atingiu a cidade em 526. Com isso, Malalas deve ter conseguido uma cópia da história geral que Eustácio escreveu como uma história clássica, muito bem-produzida e erudita, e Malalas percebeu que, caso ele próprio fosse creditado como o autor, avançaria em sua carreira (Treadgold, 2007, p. 251-252).

Portanto, nessa corrente de Treadgold (2007), ele escreveu a sua crônica ditando passagens do escrito de Eustácio para um secretário. A prática de ditar era comum no processo de produção de outras cópias destas obras, embora Malalas, na visão de Treadgold (2007, p. 252), a tenha feito para facilitar esse encobrimento daquilo produzido pelo outro autor. Assim, esse secretário/copista que ouvia as passagens de Malalas, que pelo serviço barato ou pela rapidez para não ser descoberto, fez com que a *Crônica* tomasse os moldes do grego falado, sem o cuidado de uma edição e com diversos erros de escrita e cronologia. Essa crítica do estilo literário de Malalas, embora a tese de Treadgold seja difícil de ser comprovada – pois não podemos saber se Malalas usou ou não a obra de Eustácio, agora perdida, ou se contratou alguém para escrever a sua obra – de fato é válida.

Segundo uma das tradutoras da obra que estamos utilizando, Elizabeth Jeffreys (2003, p. 511), de fato a morfologia da obra de Malalas não segue os padrões gregos de estilo, dito, clássico. Isso se dá porque ele emprega muitas abreviações, na sintaxe com preposições misturadas, no uso de um estilo repetitivo, bem como de fontes redundantes. Ademais, ao iniciar os capítulos, sobre aqueles que não se utiliza mais da organização a partir da narrativa bíblica, mas com o início e fim do reinado de cada um dos imperadores, Malalas, usa “fórmulas” para se referir aos períodos (Jeffreys, 2003, p. 511-512). O mesmo acontece quando ele faz menção aos desastres naturais e às respostas do poder imperial para suprimir tais problemas causados por estes fenômenos, além do próprio estigma relacionado a escrever o grego vernacular, como afirma Jeffreys (2003, p. 512). Porém, mesmo com essas questões mais de ordem técnica, Malalas constitui-se como uma importante fonte. O fato é que, no fundo, “sua *Crônica* foi amplamente lida por aqueles que a usavam. Se isso implica em um amplo público leitor já é outra

²⁵ Eustácio de Epifânia foi um historiador bizantino que teria vivido entre os séculos V e VI, natural de Epifânia, na região da Síria. Acredita-se que ele tenha escrito uma história geral, nos moldes clássicos, do período dos gregos e troianos até o seu presente histórico, contudo, tal obra foi perdida. Essa obra torna-se conhecida através de Malalas, que a utilizou como fonte em sua *Crônica*. Embora pouco se saiba sobre ele, Treadgold (2007), ao abordar sobre Malalas, nos dá interessantes informações sobre a sua vida e obra.

questão, levantando perguntas que não podem ser respondidas sobre os níveis de letramento e de circulação de livros no século VI.”²⁶ (Jeffreys, 2003, p. 512).

Portanto, para Treadgold, Malalas criou sua própria narrativa, haja vista que ele “deve ter percebido que se ele apenas substituísse o nome de Eustácio na capa do manuscrito pelo seu, ele poderia ser exposto como um mero copista, não um estudioso, nem sequer um autor autêntico.”²⁷ (Treadgold, 2007, p. 251). Por conseguinte, caso ele publicasse uma primeira versão de sua história com o que havia sido escrito por Eustácio, os leitores com certeza iriam perceber a diferença entre a sua escrita e a escrita do autor original. Caso achassem uma cópia original dos escritos de Eustácio, eles saberiam o que ele havia feito.

Malalas, portanto, começou a parafrasear a obra de Eustácio em um estilo menos elevado, possivelmente tentando escrever algo como o grego literário padrão de Zósimo. Ao mencionar Eustácio discretamente, Malalas acrescentou muitas citações de fontes fictícias e alguns detalhes históricos fictícios, e continuou a história desde meados do reinado de Anastácio. Por esses meios, Malalas tentou disfarçar sua dependência daquilo que Eustácio havia escrito e proteger-se contra suspeitas de plágio indiscriminado.²⁸ (Treadgold, 2007, p. 252).

Dessa forma, a sua crônica é, para Treadgold (2007, p. 255), na verdade, um compilado. Contudo, ainda assim conseguiu circular entre mais pessoas, não só pelo fato de sua crônica ser mais fácil de ser lida por estar mais próxima do grego “popular”. Mas também porque a maioria dos leitores desse período não estavam interessados em uma história totalmente clássica ou que imitava os grandes historiadores da Antiguidade. Estavam buscando um sumário de história bíblica e secular, e isso Malalas provê, já que se utiliza de fontes tanto cristãs quanto pagãs. Esses leitores, ávidos por esse tipo de material, muito provavelmente, eram menos instruídos do que os que gostavam de uma escrita nos moldes clássicos. Portanto, eles simpatizaram com o modo de escrita de João Malalas, além de que, na busca de suprimir a história que ele copiou de Eustácio, fez diversas edições e, conseqüentemente, cópias. Estas, com efeito, atingiram outros locais e foram traduzidas por muitos séculos após a sua primeira publicação, nos anos 530 (Treadgold, 2007, p. 255-256).

²⁶ Do original: The chronicle was plainly read by those who used it. Whether this implies a wide reading public is another issue, raising unanswerable questions about levels of literacy and the circulation of books in the sixth century.

²⁷ Do original: Must have realized that if he just substituted his name on the title page of Eustathius' manuscript he might be exposed as a mere copyist, not a scholar nor even a real author.

²⁸ Do original: Malalas therefore set out to paraphrase Eustathius' work in a less elevated style, possibly attempting to write something like the standard literary Greek of Zosimus. While mentioning Eustathius inconspicuously, Malalas added many fictitious source citations and some fictitious historical details and continued the story from the middle of Anastasius' reign. By such means Malalas tried to disguise his dependence on Eustathius and to protect himself against suspicions of wholesale plagiarism.

Em suma, o estudo destas obras produzidas do período, em especial a *Crônica* de Malalas, torna-se profícuo para que possamos entender as dinâmicas daquela sociedade, neste caso a bizantina, do período. Embora essa discussão mostre-se de uma riqueza de detalhes, o fato de inquerirmos se Malalas copiou ou não a obra de Eustácio é irrelevante, bem como não se trata de abordar neste trabalho. O que importa é a narrativa que Malalas criou em sua *Crônica*, legada à posteridade por vários motivos (circulação, cópias, importância, acaso?) e que criou um espaço de memória em relação à sua figura e sua única obra. Conforme bem pontuado por Jeffrey (2003, p. 525-526),

A importância dos primeiros livros [capítulos] está em serem uma prova inestimável para a forma na qual o passado era visto por um bizantino razoavelmente letrado, talvez um ponto de vista mais significativo do que daqueles escritores da alta classe instruída, cujas visões, geralmente, ganharam mais proeminência.²⁹

Feitas estas conceituações, importantes para a compreensão do contexto de Malalas, do que se entende por “Poder”, “Império” e Antiguidade Tardia, passemos à análise crítica da *Crônica*, de João Malalas. Nesse sentido, faremos contraposições de excertos do documento com a bibliografia levantada para a pesquisa e, através desse cotejo entre fonte e bibliografia, objetivamos mostrar as conexões e circulações presentes na obra. Circulações estas que não se davam, exclusivamente, de maneira violenta, mas em trocas políticas, diplomáticas, econômicas, religiosas etc. Em uma última palavra, através da *Crônica*, documento produzido no século VI, ficam evidentes estes exercícios de poder. Poder este que estava sediado na cidade de Constantinopla, no Oriente grego, mas presente em outros lugares, inclusive fora dos limites fronteiriços, o que permite mapear estas circulações, inclusive nas temporalidades mais recuadas.

²⁹ Do original: The importance of the early books is as an invaluable witness to the way in which the past was viewed by a reasonably well-read Byzantine, perhaps a more significant point of view than that of the highly educated writers whose views are normally given greater prominence.

3 A CIRCULAÇÃO DO PODER IMPERIAL EM MALALAS

3.1 O INÍCIO DO IMPÉRIO COM CONSTANTINO: NOVA CAPITAL, REFORMAS E AS CONEXÕES ENTRE ELEMENTOS CRISTÃOS E PAGÃOS

3.1.1 Constantino, o Grande: elementos religiosos, políticos e biográficos

Não cabe aqui fazer uma laudatória de todos os imperadores bizantinos que Malalas aborda e que reinaram nas púrpuras entre os séculos IV a VI, uma vez que nos interessa como o poder circulava ao longo do Império e fora dele. Nesse sentido, as divisões deste capítulo servem para manter uma linha de pensamento coerente e que busca entender essa circulação da autoridade imperial na bacia do Mediterrâneo tardo-antigo, bem como utiliza-se das divisões feitas por Malalas na própria *Crônica*. Partindo para as análises documentais, João Malalas inicia o Livro XIII da sua *Crônica* com a vitória de Constantino sobre Magêncio, em 312, na Batalha da Ponte Mílvio, nos arredores da cidade de Roma (hoje no *quartiere Flaminio*), que o consolidou como o único *Princeps* do Império Romano (Malalas, XIII.2).

Igualmente, ele acrescenta uma alusão à obra da *Vita Constantini*, de Eusébio de Cesaréia, ao afirmar que a batalha foi vencida porque Constantino viu, em sonho, uma cruz, acima do Sol – que era o símbolo máximo de poder do Imperador – com a seguinte inscrição: “Com este sinal, vencerás”³⁰ (Malalas, XIII.2). Depois dessa visão, Constantino promulga o Édito de Milão, em 313. Porém, a sua conversão acontece apenas no seu leito de morte, em 337, tendo em vista a narrativa de Eusébio, que ele afirma que Constantino se batizou. Ademais, Malalas acrescenta que

Imediatamente, ele destruiu todos os templos e todos os santuários dos pagãos e abriu as igrejas cristãs, enviando éditos imperiais para todos os lugares, que diziam que as igrejas dos cristãos deveriam ser abertas. Depois de jejuar e receber instruções, ele foi batizado por Silvério, bispo de Roma – ele próprio, sua mãe, Helena, todos os parentes e amigos e toda uma força armada de romanos. E então, o imperador Constantino tornou-se um cristão.³¹ (Malalas, XIII.2).

Porém, essa narrativa de Malalas de enfatizar que, logo após a vitória na Batalha da Ponte Mílvio, Constantino se batiza e se converte ao Cristianismo não é totalmente verdadeira,

³⁰ Do original: “In this, conquer”.

³¹ Do original: Immediately he destroyed the temples and all the shrines of the Hellenes and opened up the Christian churches, sending imperial edicts everywhere that the churches of the Christians should be opened. After fasting and having taken instruction, he was baptised by Silvester, bishop of Rome - he himself and his mother Helena and all his relatives and his friends and a whole host of other Romans. And so the emperor Constantine became a Christian.

visto a sua biografia escrita no século IV. De fato, ele é considerado o primeiro imperador romano que é cristão, mas o seu batismo ocorreu apenas, consoante a Abulafia (2014, p. 125³²) – que se baseia na narrativa de Eusébio de Cesareia na *Vita Constantini* –, no seu leito de morte, em 337, mais de vinte anos depois da referida batalha. Portanto, o primeiro Concílio Ecumênico da Igreja, que ocorreu na cidade de Niceia, em 325, e “que tentou resolver questões teológicas difíceis acerca da natureza da Trindade, com a mediação do imperador (não teólogo)” (Abulafia, 2014, p. 125), foi organizado e presidido por alguém que ainda não era sequer cristão na visão dos dogmas, o que gerou ainda mais cismas no credo e dificuldades na unidade entre os próprios seguidores de Cristo.

Malalas, com efeito, também pontua que, depois da conversão de Constantino, todos os novos funcionários da corte imperial de Constantinopla eram cristãos (Malalas, XIII.10). Porém, conforme argumenta Brown (1971, p. 88)

Constantino, sabiamente, raramente disse “não”. O primeiro imperador cristão aceitou honras pagãs dos cidadãos de Atenas. Ele vasculhou o Egeu procurando por estátuas pagãs clássicas para adornar Constantinopla. Ele tratou um filósofo pagão como colega³³.

Ou seja, é impossível pensar que, logo após sua conversão, Constantino conseguiu purgar todo o paganismo da bacia do Mediterrâneo e impor o Cristianismo como a única religião existente, como Malalas tenta mostrar na sua crônica. O que havia, de fato, era “um mundo civilizado totalmente restaurado, tanto pagão, como cristão, que estava pressionando ao redor do imperador.”³⁴ (Brown, 1971, p. 88). Assim, podemos perceber que a visão malalina da *Crônica* é o prisma de seus próprios ideais enquanto cristão e seguidor desta fé, uma vez que tenta mostrar esse “novo” Império fundado com Constantino como sagrado aos olhos de Deus. Porém, a permanência do paganismo e de outros tipos de religiosidade, de forma sincrética, é algo que irá permanecer por muitos séculos ainda já que, como veremos, se Justiniano legisla e se preocupa com a erradicação do paganismo, já no século VI, é porque ele permaneceu.

³² A paginação refere-se ao documento PDF, uma vez que a versão impressa não tem a mesma paginação que versão *online*.

³³ Do original: Constantine, very wisely, seldom said 'no'. The first christian emperor accepted pagan honors from the citizens of Athens' He ransacked the Aegean for pagan classical statuary to adorn Constantinople. He treated a pagan philosopher as a colleague.

³⁴ Do original: It was a whole restored civilian world, pagan as well as Christian, that was pressing in round the emperor.

3.1.2 A nova capital às margens do Bósforo: a cidade de Constantino

Já em relação à construção da nova capital, Malalas também fornece uma descrição bastante interessante sobre a passagem da sede do poder imperial de Roma, na Península Itálica, para Constantinopla, no estreito do Bósforo:

O imperador Constantino fez um longo processo, indo de Roma para Bizâncio. Ele reconstruiu as primeiras muralhas da cidade, aquelas feitas por Bizas, e adicionou outra grande extensão à dita muralha e, juntando esta com as mais antigas, ele ordenou que a cidade se chamasse Constantinopla. Ele também completou o hipódromo e adornou-o com estátuas de bronze e ornamentações de todos os tipos e construiu nele a *kathisma* [camarote imperial, já que *kathisma* vem do grego e significa “assento”], como aquela que havia em Roma, para o imperador assistir às corridas. Ele, igualmente, construiu uma grande e bonito palácio, com o mesmo padrão daquele que há em Roma, perto do hipódromo, com uma via que vai do palácio até a *kathisma*, no hipódromo, por uma escadaria conhecida como “a Kochlias” [do grego, caracol, ou seja, uma escadaria em espiral]. **Ele também construiu um grande e bonito fórum e colocou no meio dele uma coluna maravilhosa, toda feita de porfíria. Em cima desta coluna, ele colocou uma estátua dele mesmo com sete raios [de sol] na sua cabeça**, sendo que esta estátua de bronze foi trazida da cidade onde ela estava, chamada de Ílion, na região da Frígia. **Constantino também trouxe, secretamente, de Roma a estátua de madeira conhecida como *Palladion*, e a enterrou abaixo da coluna central do fórum que sustenta a sua estátua.**³⁵ (Malalas, XIII.7, grifos nossos).

Como argumentado por J. A. S. Evans (1996, p. 16), a cidade de Bizâncio já fazia parte do mundo grego desde, pelo menos, o século VII a.C., fundada por marinheiros da cidade-estado de Mégara. Porém, ela se tornou uma província romana quando Sétimo Severo, entre os séculos II e III, venceu a guerra civil que dividia o império e iniciou ali algumas construções, como um teatro, um anfiteatro, o hipódromo e, até mesmo, um palácio, que depois seria revisitado por Constantino. Este que, “quando foi para Bizâncio, encontrou uma cidade grega que já estava lá, com três templos na sua acrópole, dedicados à Afrodite, Ártemis e ao deus do Sol,

³⁵ Do original: The emperor Constantine made a lengthy *processus*, going from Rome to Byzantium. He reconstructed the earlier city wall, that of Byzas, and added another great extension to the wall and, joining this to the old city wall, he ordered the city to be called Constantinople. He also completed the hippodrome and adorned it with bronze statues and with ornamentation of every kind, and built in it a *kathisma*, just like the one in Rome, for the emperor to watch the races. He also built a large and beautiful palace, equally on the pattern of the one in Rome, near the hippodrome, with the way up from the palace to the *kathisma* in the hippodrome by the staircase known as the Kochlias. He also built a large and very beautiful forum, and set up in the middle a marvellous column, all of porphyry. On this column he set up a statue of himself with seven rays on his head. He had this bronze statue brought from where it had stood in Ilion, a city in Phrygia. Constantine took secretly from Rome the wooden statue known as the *Palladion* and placed it in the forum he built, beneath the column which supported his statue.

Hélio.”³⁶ (Evans, 1996, p. 16). Contudo, consoante a Evans (1996, p. 16-17), a cidade de Bizâncio não tinha muitas vantagens para que se tornasse a futura capital do Império, visto que o abastecimento de água era difícil, sendo necessária a edificação de diversos canais, cisternas e aquedutos. Além disso, ela não contava com a *pozzuolana*, material utilizado na construção dos edifícios em Roma como uma forma de argamassa para dar acabamento nas paredes destes prédios.

Porém, o que mais chamou a atenção de Constantino, com toda a certeza, foi a posição estratégica da cidade, entre as fronteiras do Danúbio e do Reno além da Pérsia na parte oriental (Evans, 1996, p. 17), situada bem no meio das rotas comerciais entre a Europa e a Ásia. Assim, por ser uma cidade costeira e banhada por dois mares, o Negro e o de Mármara, que possibilita a saída para o Mediterrâneo, Constantinopla era uma cidade aberta ao mundo do século IV, e que desenvolveu um forte poder naval e que propiciava contatos com todos os locais na bacia mediterrânica. Em vista disso, um exemplo dessas conexões é a narrativa de Malalas sobre a coluna de porfíria, uma rocha vulcânica da cor púrpura. Assim, seguindo a tradição do Império Romano, ela só era utilizada com fins imperiais, como sepulturas, banheiras, estátuas do imperador etc., justamente pela sua cor, que remete às cores oficiais do Império. Muito embora, ela só podia ser encontrada e extraída de um lugar: do Egito³⁷, levada por navios e embarcações até o destino.

Ademais, outra parte interessante de ser salientada é que, de acordo com Averil Cameron (1993a, p. 170-171), na narrativa de Malalas, ele frisa que Constantino levou a estátua de madeira do *Palladion*, que era uma tradição vinda ainda de Enéias, quando os gregos roubaram esta estátua de Troia e a levaram para Atenas. Com essa furtividade de Constantino, que a trouxe para a nova capital, pode-se perceber que ele tentava colocar Constantinopla como a Nova Roma, o que dá legitimidade para sua cidade recém-construída, além de seu próprio reino. O que marca a presença, outrossim, de um rito pagão, ou seja, do culto ao *Palladion* como instrumento da Providência e da prosperidade. Assim, mostra-se que, de fato, aquilo que Malalas tenta mostrar, de que o Império já era totalmente cristão e o paganismo já havia sido suplantado, não é fundamentado. A própria estátua de Constantino, com efeito, lembrava muito aos cidadãos da época a figura do deus grego Apolo, pelos raios de Sol saindo da cabeça (Cameron, 1993a, p. 170). À guisa disso, infere-se que o mundo tardo-antigo era simbiótico e conseguiu

³⁶ Do original: Constantine came to Byzantium, he found a Greek city already there, with three temples on its acropolis dedicated to Aphrodite, Artemis and the sun god Helios.

³⁷ Para mais, ver: <<http://www.selectstone.com/2012/10/01/porphyry/>>. Consultado em: 20 jun. 2023.

fazer com que Cristianismo e paganismo fossem justapostos no mesmo plano social e cultural, principalmente nestes primeiros anos do século IV.

Nesse ínterim da nova capital no Bósforo, é importante mencionar que várias pessoas fizeram parte dessa construção, inclusive os não-romanos, como os godos³⁸. Dessa forma, ainda no começo do século IV, diversos povos bárbaros já estavam com estreitas ligações de aliança e amizade com os romanos. Isto é, eram cooptados pelo poder imperial de Bizâncio de diversas formas, como acordos e tratados (*foedus*) com essas populações, concessão de terras e devolução de impostos, indo intencionalmente para dentro das fronteiras romanas, inclusive como convidados (Goffart, 1980, p. 17). Assim, pode-se perceber que, desde a sua construção, Constantinopla é fruto dessas mudanças e conexões que estavam acontecendo no Mediterrâneo. Ou seja, podemos entender que Constantinopla estava em contato com diversos povos. Isso se dá, com efeito, por ela ter sido totalmente moldada e administrada por pessoas e culturas que vinham dos mais diferentes lugares da Ásia Menor, Oriente Próximo, África e Europa Ocidental, criando assim uma sociedade original e pautada no sincretismo (Brown, 1971, p. 141-145).

Outra saliência que merece ser analisada no contexto da *Crônica*, segundo narrado por Malalas (XIII.3) são os programas de reformas empreendidas em outras cidades. Malalas, por ser de Antioquia – como visto acima – garante um maior espaço para esta cidade específica, além de que dispunha de materiais, pois trabalhava lá. Contudo, essas melhorias, geralmente nas infraestruturas das cidades, como aquedutos, igrejas, prédios públicos, fóruns, mercados etc., serão algo presente em toda a sua crônica. Assim, a presença do poder imperial, igualmente, era sentida por esses programas reformistas, garantindo não só uma cidade embelezada ou mais eficiente, mas que a opinião pública em relação à figura do imperador também fosse melhorada. Embora saibamos que o Imperador era um autocrata, revoltas e insurreições deveriam ser evitadas, principalmente pelos custos de conter tais movimentos, como veremos adiante na Revolta de *Nika*. Outrossim, sua imagem, dependendo de como ele suprimia tais revoltas, poderia impactar na receptividade do seu poder, sobretudo nas províncias e cidades mais distantes da capital.

³⁸ Para a presença de povos bárbaros na construção de Constantinopla, ver Jordanes, capítulo XXI.111-112, escrito no século VI por este historiador oficial do Império.

3.2 OS SUCESSORES DE CONSTANTINO: O *ENVIROMENT* DOS SÉCULOS IV E V

3.2.1 Constâncio II e Teodósio: presença de elementos heréticos e pagãos na alta corte bizantina

Depois de Constantino, lembrado pelos acordos de paz com a Pérsia e da promulgação de leis que favoreciam os cristãos, quem assume em seu lugar é seu filho, Constâncio II. Embora não iremos nos ater a todos os imperadores bizantinos que entraram nas púrpuras, entretanto, um reinado trazido por Malalas que merece destaque é o de Teodósio, que assume o trono em 378. Destarte, Malalas acrescenta que ele veio da Espanha para reinar em Constantinopla, sendo colocado como um pio cristão que buscou restaurar a ortodoxia em todas as igrejas cristãs, expelindo o arianismo do seio da Igreja (Malalas, XIII.37). O arianismo, tendo como expoente o Bispo Ário de Alexandria, foi condenado como heresia pelo Concílio de Niceia, presidido por Constantino, em 325, embora seu próprio filho fosse um ariano (Malalas, XIII. 17).

Nesse sentido, Malalas afirma que

O imperador Teodósio arrasou todos os templos pagãos até o chão. Ele também destruiu o grande e famoso templo de Heliópolis, conhecido como Trilithon, e fez dele uma igreja para os cristãos. Igualmente, ele transformou o templo de Damasco em uma igreja cristã. Ele fez de muitos outros templos como igrejas [cristãs] e o Cristianismo avançou ainda mais durante o seu reino.³⁹ (Malalas, XIII.37).

Isto é, se ainda havia templos e santuários pagãos no Império para serem destruídos e convertidos em igrejas cristãs, nem Constantino ou os demais imperadores até o reinado de Teodósio, que se estende de 378 a 395, haviam conseguido instaurar a Igreja de Cristo como a única e universal dentro das fronteiras imperiais. Ademais, é importante salientar que o poder imperial e o seu exercício não se davam de forma pura e orgânica, ou seja, era necessário que houvesse aprovação das pessoas que faziam parte do Império. Um exemplo claro disso, com relevo, quem nos dá também é Malalas, que pontua na *Crônica* que, depois da matança de mais de 15 mil pessoas pelas tropas de Teodósio na cidade da Tessalônica, o “bispo Ambrósio estava irritado com ele [Teodósio] por causa disso [as 15 mil mortes] e o colocou sob interdição.”⁴⁰ Assim, por vários dias, o imperador, representante de Deus na Terra e comandante máximo de

³⁹ Do original: The emperor Theodosius razed all the shrines of the Hellenes to the ground. He also destroyed the large and famous temple of Helioupolis, known as Trilithon, and made it a church for the Christians. Likewise, he made the temple of Damascus a Christian church. He made many other temples into churches and Christianity advanced further during his reign.

⁴⁰ Do original: Bishop Ambrose was angry with him because of this and placed him under interdict.

todo o poder político e social daquele espaço, não pôde sequer entrar na igreja do dito bispo, além de não ter conseguido participar de certos ritos por estar interdito.

Entretanto, é curioso pensar por que Malalas não menciona, durante as linhas dedicadas ao reinado de Teodósio, que foi este que tornou o Cristianismo a religião oficial do Império Romano. Muito provavelmente pensando que, depois da conversão de Constantino e seguindo o princípio do *Cujus regio, eius religio* (De quem a religião, dele [se siga] a religião), estava claro que todas as pessoas do Império e que eram súditos do imperador, deveriam confessar a fé cristã⁴¹. Em vista disso, um édito não seria tão necessário nessa conjuntura religiosa ou, talvez, porque Malalas já vivia em um Império de rito cristão oficial há, pelos menos, mais de um século. Dessa forma, o Édito da Tessalônica⁴² passa despercebido, muito provavelmente pela visão de mundo do autor, que considerava o Império Romano como herança divina e enviado por Deus para purgar as heresias e o paganismo da face da Terra.

Depois do reinado de Teodósio, quem assume o trono são seus dois filhos, Arcádio e Honório, um em Roma e outro em Constantinopla, que fez com que ambas as partes crescessem cada vez mais afastadas (Cameron, 1993b, p. 12), mesmo que os contatos e relações entre elas ainda fossem mantidos. Dessa maneira, embora possamos perceber diferenças entre Leste e Oeste romanos, como na forma administrativa e o trato com a figura imperial, um crescimento diferente não significa, por excelência, que não tivesse mais nenhum tipo de aliança ou semelhança. A principal fonte de diferenciação, contudo, está na questão linguística, em que no Ocidente o latim (e suas línguas derivadas) prevaleceu por conta da herança romana na Península Itálica. Já no Oriente, dada a proximidade geográfica e a presença da cultura helênica, presente desde a fundação da primeira cidade do que viria a ser Constantinopla, o grego permaneceu e se consolidou como a língua oficial do rito cristão e da burocracia imperial.

3.2.2 O saque de Roma (410)

Outro ponto que merece destaque da *Crônica* é como os imperadores percebiam a insatisfação popular em relação aos seus feitos. Consoante a isso, mesmo que o Imperador fosse

⁴¹ Talvez, esse “apagamento” da figura de Teodósio como o oficializador do rito cristão é fruto de uma tentativa de manter a centralidade de Constantino, principalmente a partir da leitura de Malalas da obra panegírica e biográfica – quase que a hagiográfica – escrita por Eusébio de Cesareia, visto que foi este último imperador que deu liberdade de culto, fez com que as perseguições deixassem de ser sistemáticas e institucionalizadas, além de ter presidido um Concílio Ecumênico (Niceia, em 325), algo que Teodósio não fez. Logo, o peso de Constantino, para Malalas, é muito maior do que o de Teodósio, que primou a narrativa do futuro santo ortodoxo em relação ao imperador latino que permaneceu até fins do século IV.

⁴² Édito promulgado por Teodósio, em 380, que instituiu a religião cristã como a de rito oficial do Império Romano.

um autocrata, essa visão sua em relação aos seus súditos é trazida em uma passagem em Malalas sobre o saque de Roma, em 410:

Durante seu reino [Teodósio II], uma grande revolta civil aconteceu na cidade de Roma e fez com que ele fosse, cheio de raiva, para a cidade de Ravena. Ele enviou e trouxe da Gália o *magister militum* Alarico, com as suas forças, para saquear Roma. Quando Alarico chegou na cidade, ele aliou-se com a cidade e com os inimigos senatoriais de Honório. Ele não causou mal para ninguém na cidade, mas irrompeu ao palácio e levou todos os tesouros do palácio e a meia-irmã por parte de pai de Honório, Placídia, que era ainda uma jovem virgem.⁴³ (Malalas, XIII.49).

Em vista disso, percebe-se que o próprio saque, um dos episódios mais tristes de Roma, de acordo com Malalas, foi premeditado pelo próprio imperador. Já em Constantinopla, por sua vez, quando ficou sabendo do ocorrido, Teodósio II decretou três dias de luto em Bizâncio, porém, não fez quase nada para ajudar a cidade recém espoliada. Sob seu governo, Bizâncio também se tornou “a cidade que manda”, sendo que todos os demais imperadores moraram permanentemente no palácio às margens do Bósforo (Brown, 1971, p. 137). Nesse âmbito das conexões, Brown (1971, p. 141) afirma que

Constantinopla havia se tornado a meta para os provincianos ambiciosos situados muito longe do cerne grego do Império, de onde a tradição burocrática era recrutada. No final do século V, Daniel, um jovem sírio da Mesopotâmia, no seu caminho para praticar o ascetismo em Jerusalém, foi avisado, em visão, para ir para Constantinopla ao invés de Jerusalém: com suas grandiosas igrejas e coleções de relíquias sagradas, a “Cidade que Manda” tinha se tornado uma “Cidade Sagrada”.⁴⁴

Por conseguinte, podemos perceber a transposição, cada vez mais, do *locus* de poder do Império Romano para a cidade de Constantinopla, mas não só do Imperador em si, bem como de todo o aparato administrativo e jurídico que o Império tinha necessidade para funcionar. Portanto, Constantinopla passou a ser considerada para os contemporâneos esse centro de proeminência e que correspondia ao espaço ideal para galgar maiores lugares de prestígio e proximidade com a figura imperial. Nesse sentido, Malalas é uma dessas pessoas que sai de sua

⁴³ Do original: During his reign, a great civil disturbance took place in Rome and he left in anger for the city of Ravenna. He sent and brought from Gaul the *magister militum* Alaric, with his forces, to plunder Rome. When Alaric arrived in the city, he allied himself to the city and the senatorial enemies of Honorius. He harmed nobody in the city, but burst into the palace and took all the palace treasure and Honorius' half-sister on his father's side, Placidia, (350) who was still a young virgin.

⁴⁴ Do original: Constantinople had become the goal of ambitious provincials placed far beyond the Greek core of the empire from which the traditional bureaucracy was recruited. At the end of the fifth century, Daniel, a young Syrian from Mesopotamia on his way to practice asceticism in Jerusalem, was warned in a vision to go instead to Constantinople: with its great churches and collection of relics, the 'Ruling City' had become a 'Holy City'.

antiga cidade, Antioquia, e vai à capital no Bósforo, a fim de garantir melhores postos de circulação não só para a *Crônica*, mas de sua figura em si. A capital imperial, em suma, seria essa cidade “sagrada” para a burocracia e para as questões religiosas, bem como uma das maiores do mundo fora do espaço asiático à época.

3.2.3 Concílios Ecumênicos de Éfeso (431) e da Calcedônia (451) e o contexto do século V

Ainda no reinado de Teodósio II, Malalas aborda também sobre o Concílio Ecumênico de Éfeso (431), que tratou sobre a heresia do nestorianismo. Sendo que os concílios mobilizavam as autoridades eclesiásticas de todos os lados do Mediterrâneo, juntando assim os patriarcados, que à época eram cinco – Alexandria, Jerusalém, Constantinopla, Antioquia e Roma –, para debaterem as bases teológicas da doutrina cristã. Assim, João Malalas, na *Crônica*, afirma que:

Durante o reinado de Teodósio II, a carreira de Nestório atingiu o seu clímax. Ele, mais tarde, se tornou bispo [patriarca] de Constantinopla. Uma revolta explodiu enquanto ele estava pregando e Teodósio foi compelido a convocar o Concílio de Éfeso, que reuniu 240 bispos, contra Nestório, e depôs ele do seu posto. O Concílio foi dirigido por Cirilo, bispo [patriarca] de Alexandria, a Grande.⁴⁵ (Malalas, XIV.25).

Em vista disso, já no reinado de Marciano, após a morte de Teodósio II em 450, este convocou o Concílio Ecumênico da Calcedônia (451), que reuniu 630 bispos (Malalas, XIV.30). Como argumentado por Averil Cameron (1993b, p. 21), ambos estão no rol de concílios ecumênicos e, mesmo que possa parecer que eles não tenham tanto significado, estão imersos nesse contexto de querelas internas que abateram o Império Bizantino e o próprio cristianismo durante esse período tardo-antigo. Assim, “no nível político, à medida que a Igreja se tornava mais influente e mais inserida na sociedade de forma geral, divisões entre as grandes sedes e individualmente entre bispos poderiam e levaram a maiores cisões e com repercussões a longo prazo.”⁴⁶ (Cameron, 1993b, p. 21). Sendo que esses concílios, caso houvesse alguma grande ruptura da Igreja, poderiam ameaçar a própria segurança e coesão do Império como um todo, visto o caráter identitário da fé cristã para estes romanos.

⁴⁵ Do original: During his reign the career of Nestorios reached its climax. He later became bishop of Constantinople. A riot broke out while he was preaching, and Theodosius was compelled to summon the Council of 240 bishops at Ephesos against Nestorios, and to depose him from his see. The Council was led by Cyril, bishop of Alexandria the Great.

⁴⁶ Do original: On the political level, as the church became more and more influential, and more embedded in society in general, division between the great sees and between individual bishops could and did lead to major splits with long-term repercussions.

Porém, como salientado por Cameron (1993b, p. 23-24), muitas vezes, esses concílios apenas reiteravam velhas e novas tensões, o que ajudava até a aumentá-las, já que eram neles que as heresias eram definidas, bispos podiam ser depostos dos seus cargos e até considerados como uma ameaça para o Império. Ademais, muitas vezes, eram muito mais pessoais e de disputas pelo poder político do que religiosos, bem como projetavam interesses nesses eventos que deveriam, por excelência, discutir as bases da ortodoxia cristã. Além da própria busca de sobreposição de uma sede da Igreja em relação a outra, como a de que Constantinopla seria “superior” às demais Igrejas, algo logo objetado pelo Papa Leão I (440-461) (Cameron, 1993b, p. 24). Dessa forma, essas disputas religiosas também poderiam servir de dínamos para revoltas populares e revoluções no trono, algo corriqueiro nas sociedades das cidades do Oriente durante o século V, como a que ocorreu no reinado de Anastácio, narrada por Malalas, que

No seu reinado, uma revolta cívica ocorreu entre os bizantinos na cidade de Constantinopla sobre a crença cristã, porque o imperador queria adicionar ao *Trisagion* a frase que eles usam nas cidades orientais, “Ele que foi crucificado por nós, tenha piedade de nós”. A população da cidade aglutinou-se e revoltou-se violentamente, alegando que algo estranho havia sido adicionado à crença cristã. Houve um tumulto no palácio que fez com que o prefeito da cidade, Platão, corresse, fugisse e se escondesse da raiva do povo. Os desordeiros entoaram um canto “Um novo imperador para o estado romano”, e foram até a residência do ex-prefeito Marino, o Sírio, queimaram sua casa e saquearam tudo o que tinha, pois não o encontraram. [...] Eles encontraram um monge oriental na casa [de Marino, o Sírio] que eles prenderam e mataram e então, carregando sua cabeça em um poste, eles entoaram: “Aqui está o inimigo da Trindade”.⁴⁷ (Malalas, XVI.19).

Ou seja, a partir deste excerto, pode-se perceber que o século V foi marcado por fortes tensões no poder político e no religioso, visto que eram algo sincrético. Porém, é oportuno frisar que, conforme Cameron (1993b, p. 24-25), com o envolvimento cada vez maior do imperador nos assuntos que concernem à Igreja, é impossível dissociá-los. Uma vez que “a questão de como lidar com as diferenças apaixonadamente mantidas entre os cristãos não era, como tende a ser hoje, apenas uma questão da Igreja, mas estava no topo de todos os compromissos imperiais.”⁴⁸ (Cameron, 1993b, p. 25).

⁴⁷ Do original: In his reign a civic insurrection took place among the Byzantines in Constantinople over Christian belief, because the emperor wanted to add to the *Trisagion* the phrase they use in the eastern cities, “He who was crucified for us, have mercy on us”. The population of the city crowded together and rioted violently on the grounds that something alien had been added to the Christian faith. There was uproar in the palace which caused the city prefect Plato to run in, flee and hide from the people’s anger. The rioters set up a chant “A new emperor for the Roman state”, and went off to the residence of the ex-prefect Marinus the Syrian, burned his house and plundered everything he had, since they could not find him. [...] They found an eastern monk in the house whom they seized and killed and then, carrying his head on a pole, they chanted, “Here is the enemy of the Trinity”.

⁴⁸ Do original: The question of how to deal with the passionately held differences between Christians was not, as it tends to be today, just a church issue; it was at the top of the imperial agenda.

Ainda no século V, outro imperador que governou nas púrpuras de Constantinopla foi Leão, o Velho, que foi o primeiro imperador que fez “uma campanha contra Genserico, o Vândalo, rei dos africanos, lutando em uma tremenda batalha naval.”⁴⁹ (Malalas, XIV.44). Em vista disso, pode-se notar que, devido às migrações e invasões bárbaras, certos territórios que pertenciam ao corpo político do Império Romano, principalmente depois do século IV, começaram a ser perdidos e governados por estes outros povos, como os vândalos no norte da África, os godos na Península Itálica, os visigodos na Península Ibérica, os francos na Gália etc. Assim, as guerras se tornaram cada vez mais constantes, mesmo que seja importante salientar que, neste contexto, as guerras nem sempre eram viáveis, pois dependiam de provisões para o pagamento de soldados, gastos com armamentos, deslocamento, alimentação, uniformes, entre outros. Além da destruição e reconstruções que seriam necessárias depois de findados os conflitos.

Por conseguinte, os canais diplomáticos deste período tardo-antigo serviam, justamente, para firmar contatos entre estes corpos políticos rivais – não sem conflitos, mesmo que ideológicos, políticos ou religiosos. Contudo, tentava-se evitar as guerras, uma vez que custavam demais para os cofres de qualquer rei ou imperador, que fazia com que fosse necessário repassar estes custos para os bolsos da população, que poderia revoltar-se ou amotinar-se contra a figura do seu governante. Nessa batalha em específica citada por Malalas, as tropas bizantinas foram derrotadas pelos vândalos, o que fez com que crescesse uma animosidade entre estas duas populações, que resultará nas guerras vândalas, movidas por Justiniano no século VI, como veremos adiante.

3.2.4 O episódio da “queda” de Roma em 476 e a visão do elemento bárbaro

Por outro lado, Malalas não redige, na *Crônica*, nada sobre 476, ano que representa, na historiografia, a “queda” do Império Romano do Ocidente, quando Odoacro depôs o último imperador latino, Romulus Augustulus, do poder imperial e assumiu como *rex*. Ele apenas cita que:

Depois de permanecer vários dias sem poder ferir o imperador, ele [Teodorico] saiu de lá [Constantinopla] e partiu para Roma, então controlada por Odoacro, rei dos bárbaros. Ele fez guerra contra Odoacro com o apoio do traiçoeiro Senado romano e capturou Roma e o rei Odoacro sem nenhuma perda em seu lado. Ele assumiu o controle de Roma depois de matar Odoacro, em cujo lugar governou Roma como rei por 47 anos. Depois disso, ele se reconciliou com o imperador Zenão e fez tudo de acordo

⁴⁹ Do original: Leo in the time of his reign began a campaign against Geiseric the Vandal, king of the Africans, fighting a tremendous sea-battle.

com seus desejos, reconhecendo os cônsules de Constantinopla e prefeitos pretorianos; ele também recebeu os codicilos [documentos que traziam certas disposições menores] de seus principais magistrados do imperador Zenão, notificando Zenão a quem ele queria que fosse nomeado. Ele também chegou a receber as varas [simbolizavam o poder de flagelação] dos cônsules na presença do próprio imperador.⁵⁰ (Malalas, XV.9).

Em vista disso, Malalas não coloca como Odoacro chegou ao poder, apenas que ele já estava lá quando Teodorico o usurpou. O que pode ser inferido, consoante a Bryan Ward-Perkins (2006, p. 31), que “a principal razão pela qual este evento passou quase despercebido foi porque os contemporâneos sabiam que o Império Ocidental, e com ele o poder romano autônomo, já havia desaparecido em tudo, exceto no nome.”⁵¹ Porém, nesta mesma passagem, é interessante de perceber a construção do godo Teodorico, o Grande, como uma figura mais próxima de Zenão, e não bárbara, já que aceitou as comitivas e leis que o imperador bizantino enviou, não derramou sangue da população e reconheceu as autoridades do Senado romano. Além de ter se reconciliado com o imperador Zenão, com quem estava em conflito antes de ele ter debandado para Itália e tomado o poder em Roma.

Assim, percebe-se que o poder imperial de Constantinopla tinha um grande peso em territórios que não estavam mais diretamente vinculados à sua autoridade ou sequer eram romanos, como os conselhos e apoio dados por Zenão a Teodorico. Porém, é importante frisar que essas relações e conexões não eram sempre proveitosas para os dois lados, como argumentado por Averil Cameron (1993b, p. 31), em que Zenão teve que ceder diversos territórios para Teodorico na Moesia e na Dácia, além de cargos, como mestre dos soldados, em 483, e cônsul, em 484. O que, com efeito, corrobora a tese central de Walter Goffart (1980), em que os bárbaros foram sendo acomodados, um processo sutil, de longa duração e que não se deu apenas por questões violenta. Mas através de todo o aparato jurídico, tributário, civil, militar e político da “parafernália” que formava a administração romana. Um processo de migrações de pessoas, que não surgiu do nada, e não meramente uma invasão de bárbaros para dentro desses territórios. Ademais, ele explicita que esses bárbaros eram um grupo heterogêneo por diversos fatores, “deficientes em números, coesão, assertividade e habilidades – totalmente uma decepção

⁵⁰ Do original: After remaining for a number of days without being able to harm the emperor, he [Theodoric] left there [Constantinople] and set off for Rome which was then controlled by Odovacer, king of the barbarians. He made war on Odovacer with the treacherous support of the Roman senate and captured both Rome and king Odovacer without any loss. He took control of Rome after killing Odovacer, in whose place he ruled Rome as king for 47 years. After this he was reconciled with the emperor Zeno and did everything in accordance with his wishes, recognizing the consuls of Constantinople and praetorian prefects; he also received the codicils of his chief magistrates from the emperor Zeno, notifying Zeno whom he wanted to be appointed. He even received the rods of the consuls in the presence of the emperor himself.

⁵¹ Do original: the principal reason why this event passed almost unnoticed was because contemporaries knew that the western empire, and with it autonomous Roman power, had already disappeared in all but name.

quando justaposto com as longas e massivas migrações que se pensa para poder caracterizar o passado deles.”⁵² (Goffart, 1980, p. 05).

Portanto, nota-se que toda a forma como os romanos viam os bárbaros foi alterada, além do próprio aparato jurídico para que esses povos fossem “acomodados” dentro da estrutura social e jurídica de Roma. Por consequência disso, surge o *hospitalita*, isto é, um encarregado “para estabelecer uma relação legalmente definível entre as duas partes que foram atribuídas uma à outra”⁵³ (Goffart, 1980, p. 124), como entre um romano e um godo, por exemplo, em que este seria o “recebedor” e aquele o “doador”. Contudo, conforme o historiador explica (Goffart, 1980, p. 124), essa relação não era de superioridade de um para com o outro, de vítima e ladrão ou de cliente e patrão – algo que era muito comum em Roma à época –, mas de hospedeiro e convidado. Delimitava-se, assim, as obrigações de cada um perante eles mesmos e, mais importante de tudo, para com o Império, que deveria também aglutinar e se preocupar com essas novas pessoas que agora faziam parte da composição imperial.

Odoacro, por outro lado, não tinha obrigação nenhuma de devolver as insígnias imperiais para Zenão. Porém, o fez por considerar que a legitimidade que seria dada para ele reinar na Itália pelo imperador de Constantinopla valia tal ato e seria importante para conseguir exercer seu poder. Portanto, mesmo que os povos bárbaros que “tomaram” Roma⁵⁴ em 476 não estivessem sob a autoridade ou tutela do *basileus*, percebemos como esse poder imperial era sentido e visto fora dos seus domínios diretos. Ao buscar tal legitimidade, Odoacro exemplifica essa lógica de que há um poder superior na Terra, neste caso o do imperador bizantino, o que infere o peso de tal autoridade sobre outras comunidades. Com esse envio, claro que Odoacro garante privilégios e uma boa relação diplomática com Constantinopla, mas busca essa ideia, por outro lado, do reinar de forma legítima. Logo, o poder imperial bizantino conseguia circundar o mar mediterrâneo neste período tardo-antigo, inclusive sobre culturas e grupos radicalmente diversos dos gregos e latinos, estes que formavam a identidade bizantina/romana.

⁵² Do original: Deficient in numbers, cohesion, assertiveness, and skills – altogether a disappointment when juxtaposed with the long and massive migration that are thought to characterize their past.

⁵³ Do original: To establish a legally definable relationship between the two parties who had been assigned to one another.

⁵⁴ Neste caso, Roma refere-se à instituição, visto que neste período a capital do Império Romano era Ravena.

3.3 A ERA DE JUSTINIANO: REFORMADOR, JURISTA, ORTODOXO

3.3.1 O imperador Justiniano (482-565) e a busca da ortodoxia

Depois do reinado de Justino, no século VI, quem assume o poder imperial é seu sobrinho, Justiniano, que permanece no poder por 38 anos e que ficou conhecido pela codificação de todas as leis romanas em um único código, o *Corpus Juris Civilis* ou simplesmente *Código Justiniano*, pela reconstrução de Hagia Sophia e pelas guerras de reconquista (Scott, 2016a, p. 03-04). Contudo, outra busca de Justiniano durante seu reinado foi pela restauração da ortodoxia cristã em todos os espaços do Império, que fica muito evidente na *Crônica*, de Malalas, principalmente em relação à proibição do ensino na Academia de Platão. Em vista disso, esta é a única fonte conhecida que abordou sobre o fechamento da Academia, em 529, na cidade de Atenas, afirmando que “durante o consulado de Décio, o imperador emitiu um decreto e o enviou à Atenas, ordenando que ninguém ensinasse filosofia nem interpretasse as leis”⁵⁵ (Malalas, XVIII.47).

A partir deste trecho, pode-se ver também que a atenção do casal imperial – dado que Teodora, a imperatriz, tinha uma influência bastante grande nas decisões de Justiniano – estava mais voltada para os assuntos religiosos. Dessa forma, eles levaram a cabo uma série de medidas e perseguições, como a empreendida contra os pagãos (Malalas, XVIII.42), muitos tendo suas propriedades confiscadas e alguns foram mortos. Em nome, portanto, da busca para instaurar a ortodoxia e purificar um Império que era, majoritariamente, cristão, mesmo com as suas dissonâncias doutrinárias – ou que tentava passar uma imagem de cristão e livre de qualquer tipo de paganismo, seja na esfera religiosa ou cultural. Dessa maneira, segundo Abulafia (2014, p. 125), foi “no século VI, com a supressão das antigas escolas e academias de Atenas por Justiniano I, que o estudo de textos filosóficos de uma perspectiva pagã chegou a um fim”, uma vez que “o ‘paganismo’ é mais bem-compreendido não como uma série de crenças, mas como cultos locais de grande variedade, sincréticos, fluidos, carecendo de qualquer credo ou textos divinamente revelados.” (Abulafia, 2014, p. 125).

O mesmo aconteceu com as relações sexuais ou afetivas entre homens, em que Malalas escreve que

⁵⁵ Do original: During the consulship of Decius, the emperor issued a decree and sent it to Athens ordering that no-one should teach philosophy nor interpret the laws.

O imperador imediatamente decretou que todos aqueles descobertos em pederastia deveriam ter seus órgãos genitais amputados. Naquela época, muitos homossexuais foram presos e morriam após terem seus órgãos genitais amputados. A partir de então, houve muito medo entre os afligidos pela luxúria homossexual.⁵⁶ (Malalas, XVIII. 18).

Dessa forma, a proibição da “homossexualidade”⁵⁷ no Império Bizantino, logo nos primeiros anos do seu reinado, entra neste contexto de instauração da ortodoxia por Justiniano e na tentativa de purgar estes pecados carnis do seu Império. Assim, essa sua avidez nos assuntos religiosos é exposta por Scott (2016a, p. 24-25) em contraposição com as políticas do ex-imperador Anastácio. Este lutou firmemente para que os territórios do Ocidente permanecessem como parte do Império e sob o controle do imperador de Constantinopla. Anastácio, assim, considerava que seus recursos eram escassos e utilizou-se da diplomacia para conseguir alcançar seus objetivos, diferentemente de Justiniano, que se avorou como um religioso pio. Sendo que foi o primeiro imperador que realmente tentou revestir seus feitos e seu próprio Império – e, por inferência, ele próprio – com um forte caráter divino, além de suas ações, criando assim um império divino na Terra (Scott, 2016a, p. 24-25).

3.3.2 As facções do Hipódromo

Nesse sentido de entender o poder imperial como um jogo de forças contrastantes e que lidavam com uma série de esferas e instituições para conseguir legitimidade e exercer esse poder da melhor forma possível, também entra o papel preponderante das facções do hipódromo para a escolha ou preferência de algum possível imperador. As mais fortes, com relevo, eram os Verdes e os Azuis, que organizavam as corridas e demais eventos que aconteciam no hipódromo, que à época era um lugar de sociabilidade e de laços de clientelismo. Sobretudo entre os homens, que garantia a chegada a espaços de poder e *status*, inclusive sendo uma porta de

⁵⁶ Do original: The emperor immediately decreed that those detected in pederasty should have their genitals amputated. At that time, many homosexuals were arrested and died after having their genitals amputated. From then on there was fear amongst those afflicted with homosexual lust.

⁵⁷ Utiliza-se o termo entre aspas, pois o conceito de “homossexualidade” é moderno e não era compreendido da mesma forma que temos hoje, principalmente depois do século XIX. No original em grego disponível em <https://archive.org/details/bub_gb_tNUFAAAAQAAJ>, Malalas utiliza-se de dois termos para se referir a estes homens que mantinham relações com outros homens. O primeiro é “παιδεραστίας” (pederastas), termo comum da época, que dá origem à palavra moderna que, mais pejorativamente, serve para se referir aos homossexuais. A outra – e mais interessante – é a expressão “ἄρρένων ἐπιθυμία” (desejo por/manter relações com homens). Dessa forma, a tradução é que usa o termo “homossexual(s)” mais por uma questão de tecnicidade e facilidade de compreensão do trecho como um todo. Contudo, Malalas não se posiciona com um olhar religioso ou julgador, mas como se estas práticas fossem um *desejo*, uma tentação que afligia a carne destes indivíduos e, por isso, Justiniano os puniu.

entrada nestes círculos da elite para os meninos mais jovens que aspiravam grandes postos no Império (Evans, 1996, p. 37-38).

Porém, eles não eram um partido político propriamente dito, mas, com certeza, tomavam lado e faziam negociações para atingir os seus objetivos enquanto grupo, sendo um fator cabal para a escolha de um novo Imperador e para a manutenção do seu poder, que se dava por uma série de jogos de interesses entre essas facções (Cameron, 1993b, p. 26-27). Em vista disso, Malalas, em todos os livros utilizados na pesquisa, sempre escreve para qual destas facções o imperador era mais bem-quisto ou favorecia, como Teodósio II aos Verdes (Malalas, XIV.2), Anastácio aos Vermelhos (Malalas, XVI.2) ou Justiniano aos Azuis (Malalas, XVIII.1). Contudo, vale lembrar que essas facções do Circo não estavam restritas apenas à Constantinopla, mas a todas as cidades do Império, em maior ou menor grau, que formavam uma vasta rede de membros com suas convicções. Visto que os Verdes, geralmente, eram monofisistas e das classes mais baixas, ao passo que os Azuis pertenciam aos círculos mais altos das elites e defendiam a ortodoxia, muito embora também houvesse dissensão entre estes grupos (Evans, 1996, p. 38).

Assim sendo, como mostra Alan Cameron (1976, p. 05-23), no início, as facções do Circo não tinham muita importância. Sua esfera de atuação se dava por pessoas ricas, de famílias poderosas, que organizavam as corridas de bigas e compravam os equipamentos e animais necessários para tal, fazendo-o por lucro. Contudo, conforme os anos foram se passando e o hipódromo começou a receber cada vez mais atenção como um lugar importante dentro da sociabilidade da sociedade romana, tais cargos foram sendo profissionalizados. Ademais, todo o poder foi sendo passado para as mãos do Imperador (Cameron, 1976, p. 07), que passou a patrocinar e tornar viável a organização destes espetáculos, corridas e lutas.

Entretanto, quem organizava agora estes espetáculos – geralmente vinculados ao culto da imagem do Imperador – eram os *factionarii*, que consoante a Cameron (1976, p. 09), seriam essas pessoas que estavam, há muitas gerações, ligadas aos espetáculos à organização destes eventos. Não mais por lucro, mas por cargos ligados ao aparato imperial bizantino, que garantiam, geralmente ao melhor dos corredores/lutadores, tais postos. Nos locais mais longínquos, onde o Imperador não conseguia sempre patrocinar tais espetáculos, quando aconteciam, estavam vinculados à reafirmação da sua autoridade. Ou seja, por todo o Império, seja em grandes ou pequenas cidades, as facções do Hipódromo funcionavam como importantes braços administrativos do poder imperial ao garantir que a presença do poder imperial fosse sentida até nos confins mais longínquos do Mediterrâneo.

3.3.3 A Revolta de *Nika* (532)

À guisa disso, deve-se lembrar que o peso da opinião pública destas facções era tão grande que a mais violenta revolta popular, tanto em Constantinopla quanto do Império Bizantino de forma geral, ocorreu devido à união das forças faccionais rivais contra o imperador Justiniano, em 532. Ela ficou conhecida como Revolta de *Nika*, em que *nika* significa “conquista” ou “vitória”, palavra de ordem bradada pelos revoltosos. Sendo que Malalas descreve a revolta da seguinte forma:

Um pretexto para tumultos ocorreu em Bizâncio, causado por alguns demônios vingativos quando Eudaimon era o prefeito da cidade e mantinha sob custódia encrenqueiros de ambas as facções. Depois de examinar várias pessoas, ele considerou sete deles culpados de assassinato e sentenciou quatro deles à decapitação e três à empalação. Depois de terem desfilado por toda a cidade e passado para o outro lado, alguns deles foram enforcados. Mas dois deles, um azul e outro verde, caíram quando o patíbulo quebrou. [...] Enquanto a corrida de bigas estava sendo realizada em 13 de janeiro, ambas as facções começaram a pedir ao imperador que mostrasse misericórdia [para com estes dois homens que haviam caído do patíbulo]. Eles continuaram cantando até a 22ª corrida e não obtiveram resposta. Então, o diabo incitou maus conselhos neles e eles cantaram uns para os outros: “Viva os misericordiosos Azuis e Verdes!” Terminadas as corridas, as multidões partiram unidas, tendo o grito de ordem a palavra “Conquiste” [*Nika*] para não serem infiltradas por soldados ou *excubitores*.⁵⁸ (Malalas, XVIII.71).

Essa revolta durou cerca de uma semana e só foi contida com a ajuda da dura repressão contra os revoltosos pelas tropas imperiais lideradas pelos generais Narses e Belisário, além da ajuda de algumas tropas de godos (Malalas, XVIII.71) que faziam parte das legiões do Império. O que mostra como havia uma circulação de pessoas entre estes dois espaços, o Oriente grego e o Ocidente latino, inclusive de povos que não eram, por excelência, romanos/bizantinos, que acabavam por viver em Bizâncio. Como resultado depois destes dias de agitação, a cidade de Constantinopla foi em grande parte destruída, inclusive a maior igreja da capital, que era Hagia Sophia – ainda aquela construída por Constantino –, foi incendiada. Sendo que também deixou um saldo de mais de 35 mil mortos.

⁵⁸ Do original: A pretext for rioting occurred in Byzantium caused by some avenging demons when Eudaimon was city prefect and was holding in custody troublemakers from both factions. When he had examined various persons, he found seven of them guilty of murder and sentenced four of them to be beheaded and three to be impaled. After they had been paraded through the whole city and had crossed to the other side, some of them were hanged. But two of them, one a Blue and the other a Green, fell as the scaffold broke. [...] While the chariot-racing was being held on 13th January, both factions began to call upon the emperor to show mercy. They continued chanting until the 22nd race and they were not granted an answer. Then the devil prompted evil counsels in them and they chanted to one another, “Long live the merciful Blues and Greens!” After the races, the crowds went off united, having given themselves a watch-word with the word, “Conquer” so as not to be infiltrated by soldiers or *excubitores*.

Ademais, em outras fontes contemporâneas do período que Malalas escreveu a sua *Crônica*, embora não sejam o tema principal deste trabalho, temos algumas descrições interessantes deste movimento popular que tomou as ruas de Bizâncio. Um deles quem nos lega é Procópio de Cesareia, historiador oficial do Império Bizantino. No livro das *Guerras Persas*, ele escreve que

A Imperatriz Teodora também falou nos seguintes termos: “Minha opinião, então, é que, no presente momento, acima de todos os outros anteriores, é inoportuno fugir, muito embora essa fuga traria segurança. [...] Já por mim mesma, eu aprovo um certo ditado antigo que diz: a dignidade real é uma ótima mortalha.”⁵⁹ (Procópio de Cesareia, I.24.33-37).

Neste excerto, podemos inferir a lógica do poder imperial ser superior ao próprio indivíduo, em que a instituição do poder do *basileus*, mesmo que custasse a morte, deveria ser levada até o fim. Ainda, aqui vemos a poderosa interferência nas questões do Império da esposa de Justiniano, Teodora, que como supracitado, influenciava as decisões e a opinião de Justiniano, sobretudo no trato religioso e nos conselhos dados ao marido. Claro que a narrativa de Procópio serve como criação de um espaço de memória de grandiosidade ao casal imperial que, mesmo que poderia ter deixado a cidade e procurar segurança para não sofrerem danos na revolta, preferiram ficar e lutar pela legitimidade e influência do seu próprio poder. Todavia, serve para mostrar o peso desse poder nos próprios representantes e como percebia-se essa autoridade. Esta deveria, com efeito, se fazer presente na cidade para conseguir conter os revoltosos e restabelecer a ordem local, mesmo que este ficar poderia significar uma consequência extrema, como um potencial regicídio.

Assim, a maior causa da revolta de *Nika* foi, como argumentado por Evans (1996, p. 39-40), a insatisfação com algumas medidas imperiais de Justiniano. Sobretudo contra as próprias facções, que desde 527, o Império já tinha leis duras que penalizavam os amotinados destes grupos. Além do mais, quando ele não mostrou misericórdia para com aqueles dois facciosos que haviam caído do patíbulo, “rompeu-se o vínculo de fidelidade entre ele e seus súditos. Esta foi uma revolta que deu voz a um amplo espectro de descontentamento, e seu objetivo final era substituir Justiniano por um imperador legítimo.”⁶⁰ (Evans, 1996, p. 121). Em vista disso, como Justiniano sabia que era perigoso, para ele próprio e para a sua autoridade imperial,

⁵⁹ Do original: The Empress Theodora also spoke to the following effect: “My opinion then is that the present time, above all others, is inopportune for flight, even though it brings safety. [...] For as for myself, I approve a certain ancient saying that royalty is a good burial-shroud.”

⁶⁰ Do original: snapped the bond of fealty between him and his subjects. This was an uprising that gave voice to a broad spectrum of discontent, and its ultimate aim was to replace Justinian with a *legitimate* emperor.

caso as pessoas que faziam parte dessas facções se unissem contra ele – como aconteceu em 532 com *Nika*. Por isso, ele instigava essas rivalidades dentro e fora do Circo, a fim de manter essas forças sempre separadas, pois assim conseguiria lidar melhor com elas.

Porém, se fizermos uma outra análise, consoante a Evans (1996, p. 124-125), a revolta de *Nika* foi extremamente proveitosa do ponto de vista do poder de Justiniano, pois conseguiu abrir caminhos para ele próprio. Uma vez que a população estava intimidada devido à dura repressão, a oposição do Senado foi rebaixada a somente queixas e várias propriedades senatoriais foram confiscadas. Justiniano agora estava livre para prosseguir com seus planos com ou sem o apoio dessas elites e de outras esferas. Além de que ele, provavelmente, já tinha ideia de reconstruir a capital antes mesmo da revolta estourar, pois a reconstrução de Hagia Sophia começou em apenas 14 dias e da cidade de forma geral em apenas 45. Ademais, ele saiu totalmente fortalecido e aglutinou todas as forças sob a sua autocracia (Evans, 1996, p. 125).

3.3.4 Intervenções militares fora do Império: Norte da África vândala

Depois da revolta de *Nika*, Justiniano também organizou campanhas militares em territórios dominados por “bárbaros” ou inimigos políticos, em especial o norte da África – que estava ocupado pelos vândalos – e a Península Itálica – sob administração dos godos. Essas guerras ficaram conhecidas como “guerras de reconquista” pela historiografia, uma vez que as batalhas foram travadas em locais que faziam parte do Império Romano, sobretudo antes da desagregação em 476. Contudo, muito mais do que um projeto de Justiniano, tais guerras de reconquista foram o resultado destas intervenções em territórios além das fronteiras bizantinas que ele buscava, a fim de que sua influência e poder fossem sentidas, haja vista o pouco investimento, os escassos exércitos e a demora das lutas, bem como as duras perdas contra os persas. Como visto anteriormente, com efeito, Malalas não dá muita importância para as guerras de reconquista de Justiniano. Apenas afirma que, em relação às guerras vândalas, “o rei da África foi feito prisioneiro, com sua esposa, por Belisário e eles foram levados à Constantinopla. Eles foram trazidos como cativos com os espólios da guerra enquanto as corridas de bigas estavam acontecendo.”⁶¹ (Malalas, XVIII.81).

Belisário, assim, levou o rei vândalo acorrentado e desfilou com ele pelo hipódromo e pela cidade, além dos espólios frutos da guerra, chegou até o imperador Justiniano e se curvou

⁶¹ Do original: The king of Africa was taken prisoner, with his wife, by Belisarios and they were brought to Constantinople. They were brought in as captives with the spoils while the chariot-races were being held.

diante dele. Dessa forma, Gelimero, o rei vândalo, morreu como um mero súdito do imperador Justiniano, exaltando assim a sua autoridade, que seria superior ao do rei bárbaro. Isso aconteceu porque ele não quis deixar de ser ariano e, portanto, perdeu a chance de se tornar um patriótico, mas, mesmo assim, ele e sua família receberam várias propriedades na Galácia para um exílio decente (Cameron, 2005, p. 175-176). Aqui, percebe-se como as negociações estavam presentes na “diplomacia” bizantina, que mesmo capturando e caçoando do antigo rei dos vândalos pela capital, ainda assim foram garantidos certos privilégios e benesses a ele. Logo, conexões com esses locais para que a autoridade bizantina fosse respeitada e permanecesse nesses locais que não estavam, necessariamente, sobre suas ordens, como boa parte do Norte da África.

Consoante a isso, pode-se inferir que a vitória bizantina foi muito rápida (Cameron, 2005, p. 173), uma vez que os vândalos não esperavam uma invasão e estavam, naquele momento, se deslocando para o Sul para lutar contra os berberes, seus inimigos. Muito embora Justiniano deva ter recebido com bastante preocupação a informação de que Belisário teria armado um complô para tornar-se rei independente na África e assumir o poder do reino vândalo (Evans, 1996, p. 132), algo que não se concretizou. Essas guerras empreendidas por Justiniano, embora não fossem o seu objetivo principal, visavam uma reestruturação total ou parcial do antigo Império Romano antes de 476. Contudo, seus esforços não foram tantos, visto as poucas tropas enviadas e sua atenção mais voltada às questões legislativas e religiosas. Depois da restauração dos territórios no norte da África, oito anos depois da chegada dos reis vândalos à capital, uma pandemia aconteceu na cidade, em 542.

3.3.5 A peste justiniana (542)

Considerada como a mais antiga pestilência bubônica conhecida pela historiografia que acometeu a bacia do Mediterrâneo – a mesma que irá acontecer na Europa durante o século XIV – a peste justiniana deixa um grande saldo de mortos e problemas econômicos e sociais depois deste primeiro surto, em 542. Em relação à peste justiniana, Malalas escreveu que

O Senhor Deus viu que as transgressões dos homens se multiplicaram e ele causou a destruição do homem na terra, levando à sua ruína em todas as cidades e espaços. A praga durou um tempo, de modo que não havia gente suficiente para enterrar os mortos. Alguns carregavam os cadáveres de suas próprias casas em macas de madeira e mesmo assim não conseguiam. Alguns dos cadáveres permaneceram insepultos por

vários dias. Algumas pessoas não compareceram aos funerais de seus próprios parentes. A piedade de Deus durou em Bizâncio por dois meses.⁶² (Malalas, XVIII.92).

Ou seja, a peste justiniana causou uma crise de mortalidade muito grande em Constantinopla e em demais lugares do Império. Porém, consoante a Evans (1996, p. 160), a primeira aparição dela é na cidade de Alexandria, no Egito. Neste caso em específico, segundo Peter Brown (1971, p. 12), vale lembrar que à época, por Constantinopla não possuir muitas terras aráveis e cultiváveis (dado que se localiza em um estreito), trazia-se de outros lugares. A maioria dos grãos eram importados, justamente, do Egito, em cargas de, aproximadamente, 175 toneladas ao ano, que foram o meio de transmissão da praga de um lugar para o outro, sempre das regiões costeiras para o interior. Ela também atingiu todas as cidades do Império naquele momento, bem como outras regiões do Mediterrâneo, como a Itália, a Pérsia e a França, todos em 543, e que nunca deixou de aparecer em surtos, já que outro narrador – Agátias – afirma que, em 558, uma nova onda da peste apareceu em Constantinopla (Evans, 1996, p. 160). Assim, a circulação da peste nos mostra como estes lugares distintos, com administrações distintas, relacionavam-se de maneira intrínseca neste período tardo-antigo, inclusive em espaços que não eram aliados, como o Império Bizantino em relação ao Império Persa, seu maior inimigo deste período.

Esta pestilência, com efeito, era transmitida por um bacilo, que poderia infectar o ser humano de duas formas: através da picada de pulgas infectadas com esta bactéria, deixando bubões por toda a pele, principalmente nas axilas, virilhas e atrás das orelhas. Já a outra forma era a peste pulmonar, transmitida através das secreções, que poderiam atingir outras pessoas em até dois metros de distância (Evans, 1996, p. 162). Em vista disso, conforme exposto por J. A. S. Evans (1996, p. 162), sem os tratamentos modernos, a peste bubônica poderia resultar na morte de 40% a 70% dos casos. Já a pulmonar, sem tratamento, praticamente não deixava sobreviventes. Justiniano também contraiu a praga e recuperou-se, além de que ele delegou para que se livrassem dos corpos, já que as tumbas existentes estavam todas ocupadas, fazendo novas valas para mais de 70 mil corpos em cada domínio, ao norte do Chifre de Ouro (região de Constantinopla), e contratou homens para coletar e enterrar os cadáveres (Evans, 1996, p. 163).

Porém, de acordo com Evans (1996, p. 163), quando as valas ficaram todas ocupadas, os corpos foram sendo jogados na torre de Sycae – nos arredores de Constantinopla –, onde

⁶² The Lord God saw that man's transgressions had multiplied and he caused the overthrow of man on the earth, leading to his destruction in all cities and lands. The plague lasted a while, so that there were not enough people to bury the dead. Some carried out the corpses from their own houses on wooden litters and even so they could not manage. Some of the corpses remained unburied for days. Some people did not attend their own relatives' funerals. God's compassion lasted at Byzantium for two months.

apodreceram com um cheiro fétido que tomou toda a cidade. “Ruas ficaram desertas e os negócios foram abandonados. O pão ficou escasso e alguns dos doentes morreram de fome.”⁶³ Nessa atmosfera de calamidade, a Igreja acreditava que tudo isso era um flagelo enviado por Deus ou Satanás a mando de Deus, sumariamente pelos pecados e ações ruins que os homens estavam tomando na Terra (Evans, 1996, p. 163). Todavia, vale lembrar que o reinado de Justiniano foi um aglomerado de terremotos, invasões, enchentes e, depois de 542, episódios de crises de mortalidades causados por doenças que estabeleceram ciclos permanentes de infecção. Sendo tudo isso interpretado pelos contemporâneos como uma praga de Deus que estava odiando os feitos desse imperador demoníaco⁶⁴ e virou sua face para eles (Evans, 1996, p. 163-164).

3.3.6 Intervenções militares fora do Império: Península Itálica gótica

Já no tocante às guerras na Península Itálica, Malalas quase não aborda tal assunto. Porém, outras fontes⁶⁵ dão indícios de que já havia uma relação de aliança bastante grande entre os governantes godos, neste caso representado por Amalásunta, com o Império Bizantino. Esta aliança que, com o assassinato dela por um godo tirano foi a causa de Justiniano querer invadir e tomar de volta para si antigos territórios romanos. Porém, elas foram levadas a cabo pelo entusiasmo do *zeitgeist* imperial devido à rápida vitória na África, pensando que a reconquista contra os godos seria fácil e rápida também. Algo que não se mostrou verdadeiro, haja vista que a guerra se estendeu por quase 20 anos. Mais amplamente, essas guerras empreendidas por Justiniano levantam uma questão bastante intensa sobre a relação de Ocidente e Oriente. Um imperador de Constantinopla usando os exércitos do Oriente para reter novamente o que ele pensa que é o território romano. Sendo que muitas dessas guerras ajudaram ainda mais para agravar a crise nesses antigos territórios romanos, como o fim do Senado de Roma e do poder de algumas famílias aristocráticas, seja no Oriente ou no Ocidente (Cameron, 1993b, p. 106).

Ademais, como exposto por Cameron (1993b, p. 106), as motivações de Justiniano foram várias, mas ele acreditava que iria restaurar o passado romano. Ao mesmo tempo, colocava

⁶³ Do original: Streets were deserted and trades abandoned; bread became scarce, and some of the sick died of starvation.

⁶⁴ A visão de Justiniano como um demônio ou o Anticristo pode ser vista em outra obra do período, conhecida como *História Secreta*, escrita por Procópio de Cesareia. Tal obra faz ácidas críticas contra Justiniano e Teodora, levando esse nome por conta de que ficou desconhecida do público, embora alguém a preservou e deva ter lido, até o século XVII.

⁶⁵ Como Jordanes, no capítulo LIX-LX.306-308, escrito em meados do século VI, um contemporâneo de João Malalas.

em prática severas leis e perseguições contra os pagãos em nome do Cristianismo e até de pensamentos dissidentes do Cristianismo, como o arianismo, em prol da ortodoxia cristã. Logo, concomitantemente, Justiniano foi um inovador em muitas questões, mas também um conservador que buscava restabelecer esse passado do Império Romano (Cameron, 1993b, p. 108). Contudo, há visões dissonantes sobre as explicações das guerras justinianas, uma vez que, para Scott (2016, p. 13-14), elas não podem ser o ponto principal das políticas dele, dado que ele tinha interesse, já que os recursos estavam muito escassos, de sair da Itália e voltar para Constantinopla. Porém, foi o seu general, Belisário, que desobedeceu a suas ordens e continuou, mesmo com poucos homens naquele território. Haja vista que, para Justiniano, o Ocidente já tinha absorvido uma quantidade considerável de recursos e que agora precisavam ser destinados e aplicados na parte mais importante do Império Bizantino: o próprio Império Bizantino.

Nesse sentido, conforme os anos foram passando, Belisário também foi substituído no comando das tropas bizantinas nas campanhas contra os godos pela demora na vitória. Segundo Malalas, quem foi enviado à Península foi Narses (Malalas, XVIII.110), eunuco proeminente na história bizantina tardo-antiga, seja na revolta de *Nika* ou nos conflitos contra os persas, a Oriente. Em vista disso, depois de quase duas décadas em guerra, Malalas afirma que

Naquele mês [agosto de 553], chegou de Roma a notícia da vitória de Narses, o *cubiculário* e exarca dos romanos. Ele lutou em batalhas contra Totila, rei dos godos, o derrotou completamente e o matou. Suas roupas manchadas de sangue foram enviadas para Constantinopla.⁶⁶ (Malalas, XVIII.116).

Assim, é interessante perceber que Narses agora era o grande herói e o exarca – o representante do imperador bizantino no Ocidente –, depois de tantos anos em guerras contra os godos. Ademais, segundo Cameron (1993b, p. 120-122), a lentidão e implicações do processo de reconquista certamente não foram previstas no seu início por Justiniano, mas os efeitos das tentativas foram profundos não só na sociedade bizantina, mas fora também. Primeiramente no Império do Oriente, que secou suas reservas de ouro, homens e outros recursos, ainda mais se agrupados com as necessidades das guerras empreendidas contra os persas. Além da opinião pública, que poderia causar uma revolta – até maior do que a de *Nika*, pois envolveria, além das facções, as elites dessa sociedade. Já no Ocidente, a agricultura foi devastada, a aristocracia senatorial perdeu seus poderes ou foi exilada, o Senado enquanto instituição deixou de existir e as cidades foram espoliadas ou destruídas durante o processo de reconquista.

⁶⁶ Do original: In that month there came from Rome news of victory from Narses, the *cubicularius* and exarch of the Romans. He had fought a battle with Totila, king of the Goths, and had completely defeated him and killed him. His bloodstained clothes were sent to Constantinople.

Entretanto, é somente, consoante a Averil Cameron (1993b, p. 121), com um certo distanciamento – e que Justiniano não tinha ao seu alcance –, que se pode analisar esses fatores, como a perda de certos territórios durante essas guerras e uma diminuição do poderio econômico que Constantinopla gozava. Não obstante, apenas alguns poucos territórios foram reconquistados, como a parte norte da África e certos espaços da Itália (e que logo voltaram ao controle bárbaro). Isto é, importantes, mas que não foram feitos significantes em relação ao que Justiniano tentava fazer, que era restabelecer o antigo Império Romano, posto que esses efeitos ajudaram ainda mais para aumentar as diferenças culturais, políticas e sociais entre o Ocidente e o Oriente, além das próprias questões religiosas (Cameron, 1993b, p. 121-122). Sendo assim, essas políticas de Justiniano no campo religioso contribuíram para conturbar as relações entre Bizâncio e Roma e para o fortalecimento do Papa de Roma, uma vez que, conforme Cameron (1993b, p. 123), algumas províncias, como as africanas, eram muito mais próximas do papado romano e não concordavam com as medidas e dogmas estabelecidos pelo imperador.

Em suma, percebe-se que o reinado de Justiniano, que durou 38 anos, ou seja, muito tempo se comparado a seus antecessores e sucessores no trono de Constantinopla, foi decisivo para as relações do Império com o Ocidente e na remodelação da sociedade bizantina neste período tardo-antigo. Malalas, por fim, termina a *Crônica* com mais uma insatisfação civil que estava em pleno curso na capital (Malalas, XVIII.151). Justiniano, já idoso, faleceu em 14 ou 15 de novembro de 565, aos 83 anos de idade (Evans, 1996, p. 263-264). Ele acreditava que “realmente estava, de alguma forma, em uma relação especial e única com Deus e, portanto, que ele carregava dentro de si um potencial bastante excepcional para influenciar o curso dos acontecimentos humanos.”⁶⁷ (Cameron, 2005, p. 262). Assim, Justiniano foi esse imperador que tentou instaurar a ortodoxia, fez o compêndio das leis, empreendeu construções e moveu guerras – mesmo que sejam secundárias – em diversas partes do Mediterrâneo e na Pérsia.

⁶⁷ Do original: was somehow in a special and unique relation to God, and therefore that he carried within himself a quite exceptional potential to influence the course of human events.

4 *MARE NOSTRUM*: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os romanos do século II chamavam o Mediterrâneo de *Mare Nostrum*, ou seja, “o nosso mar”, pois toda a extensão de terras que circulavam o Mediterrâneo estava sob o seu domínio (Abulafia, 2014). Porém, aos poucos, essa unidade no Mediterrâneo foi fragmentando-se. Principalmente devido à chegada de novos atores sociais nesse território e pelas profundas mudanças que estavam acontecendo, como a institucionalização do Cristianismo, as migrações dos povos bárbaros, a decadência das cidades e a transição de Roma para Bizâncio. Dessa forma, “o mar é um espaço desafiante. Ele pode volatilizar os critérios tradicionais de análise utilizados pelos historiadores como ‘poder’, ‘sociedade’ e ‘cultura’ na medida em que relativiza contornos precisos.” (Almeida; Della Torre, 2019, p. 11). Nesse sentido, o Mediterrâneo foi o palco principal destas transições e modificações que começaram a acontecer neste período da Antiguidade Tardia. Modificações estas que, com efeito, alteraram substancialmente as comunidades desta e das posteriores temporalidades.

Como consequência dos resultados destas metamorfoses mediterrânicas, depois da divisão do Império Romano, com a fundação da nova capital, Constantinopla, às margens do Bósforo, uma sociedade diferente foi criada, não só pela tradição helênica ou religião cristã, mas pelo sincretismo. Como observado durante a análise documental, pode-se perceber que o Império Bizantino, antes e depois da caída de Roma no Ocidente, manteve diversos tipos de contatos e conexões com todas as partes da bacia mediterrânica, como acordos militares, comerciais ou de aliança diplomática. Portanto, a circulação do poder imperial bizantino no Mediterrâneo tardo-antigo conseguia chegar em diversos lugares deste espaço e, até mesmo, fazia com que outros governantes buscassem sua legitimação, como aconteceu nos reinados de Teodósio, Zenão ou Justiniano.

Infelizmente – e não falando apenas das conexões, uma vez que a história hoje que se ensina é cheia de barreiras e marcos temporais, não contemplando esses contatos diversos, mas da temática em si –, o Império Bizantino no ensino regular básico, atualmente, é muito negligenciado. Apenas a título de exemplo, em um livro didático⁶⁸ de História para todos os anos do ensino médio, que deveria contemplar uma “história mundial”, da pré-história até a contemporaneidade e com 656 páginas, toda a história bizantina foi escrita em meia página. Esse espaço na página, contudo, contém um mapa das fronteiras no século VI e que ainda estampa um erro

⁶⁸ CAMPOS, Flavio de; MIRANDA, Renan Garcia (orgs.) **A escrita da História**. São Paulo: Escala Educacional, 2006. 656 p.

crasso de nomenclatura, que trocou Justiniano por seu tio, que se chamava Justino, imperador antes dele.

A questão principal, contudo, não é o erro em si, mas sim a falta de cuidado e espaços para debater a temática bizantina. Este que, como sabe-se, foi um corpo político que durou mais de mil anos e que ainda tem poucas publicações, pesquisas, não é um tema reconhecidamente clássico e o número de material encontrado em português é irrisório. Tudo isso somado, faz com que se torne difícil os contatos mais íntimos com o tempo-espaço do Império Bizantino, seja o tardo-antigo ou o medieval. O que é curioso de ser pensado, uma vez que a História clássica, que pouco se interessou pelo Império Romano do Oriente colocou, justamente, o “fim” – se é que as coisas tem fim – da Idade Média como a tomada de Constantinopla pelos otomanos, em maio de 1453. Assim, mesmo com uma abertura por conta do acesso às fontes e com a internet, pouco se avança no estudo do Império Bizantino. Essa carência verifica-se no ensino básico, que pouco trata sobre esta temática, além da sucintez dos livros e materiais didáticos que os professores dispõem para elaborar as suas aulas.

Por falar em Justiniano, nosso imperador trocado pelo seu tio no livro didático, talvez ele seja o *basileus* bizantino mais conhecido da historiografia. Uma vez que ficou muitos anos no poder, suas políticas deixaram profundas marcas e alterações na sociedade à época e posteriores. Ademais, muitas coisas interessantes aconteceram no seu reinado – e que chegaram até nós –, como a praga, as guerras de restauração, a revolta de *Nika*, Hagia Sophia ou o *Código Justiniano*. De tanta importância que ele teve, Dante, talvez um dos nomes mais conhecidos da literatura ocidental, também o colocou n’*A Divina Comédia*⁶⁹. Na narrativa dantesca, Justiniano está no Paraíso – bem como Constantino – e afirma que foi César e que combateu o bom combate⁷⁰, instaurou a fé verdadeira ao lutar contra o monofisismo e compilou as leis, que devotou o Imperador para a eternidade na sua magnífica obra.

Nesse sentido, Justiniano estaria na busca incessante de revestir seu Império de um ideal de sagrado a partir da ortodoxia, que o colocaria em uma posição especial dentro da lógica imperial: o imperador a cabeça, os súditos o corpo. Assim, embora essa pesquisa lide com vários imperadores e quase três séculos de abrangência, a primazia dada a Justiniano se deve à longevidade de seu reinado e as alterações que ele causou. Não obstante, Malalas viveu praticamente mais da metade de sua vida no reinado de Justiniano, que fez com que despendesse mais páginas para falar sobre esse imperador – embora visto, por vezes como demoníaco e a

⁶⁹ ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Cotia: Ateliê Editorial, 2021. 560 p.

⁷⁰ A referência do jargão é de 2 Timóteo 4:7-8.

personificação do profano Anticristo na Terra. Outrossim, Malalas ao utilizar-se de fontes orais e aquilo que ele próprio tinha acesso como documentação, nos mostra como o reinado de Justiniano foi importante para esse mundo mediterrânico da Antiguidade Tardia, visto sua influência em diversos territórios e *affairs* fora de suas jurisprudências diretas.

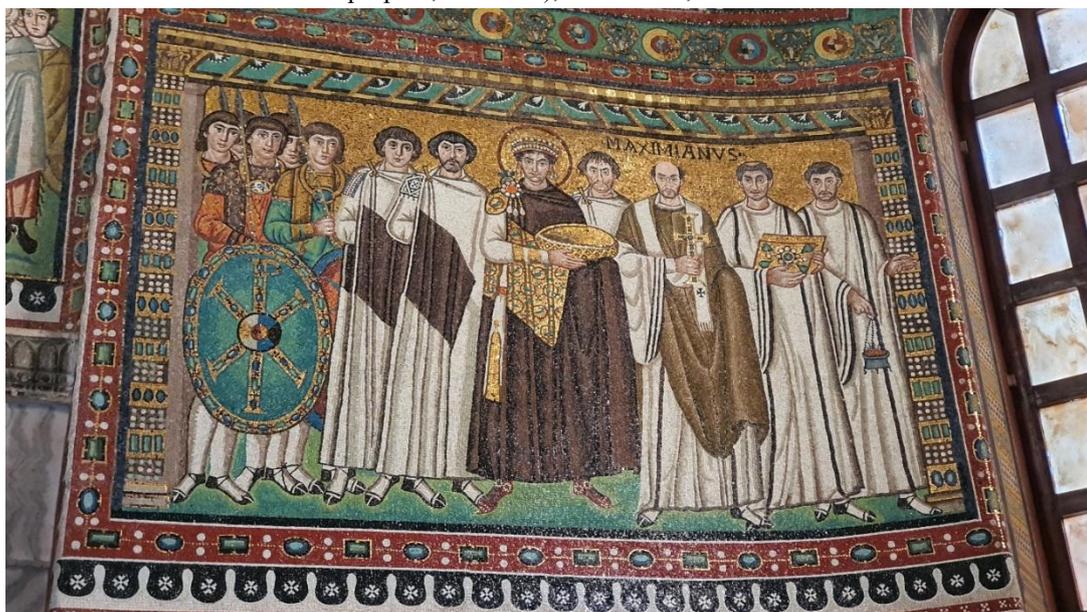
Dessa forma, como sintetizou de forma proveitosa, Averil Cameron afirma que

Justiniano foi um imperador forte que iniciou uma série de políticas extraordinariamente ambiciosas, e levou a cabo a maioria delas em face de grandes obstáculos. Mas, é muito duvidoso que, mesmo sem esses obstáculos, o império oriental teria sido suficientemente forte em termos econômicos e administrativos para suportar os fardos extras que estava assumindo. E, ao mesmo tempo, processos de mudança social estavam ocorrendo em todo o mundo mediterrâneo dos quais os contemporâneos mal tinham conhecimento, mas que condicionavam o resultado das políticas que eles adotavam.⁷¹ (Cameron, 1993b, p. 127).

Outra questão interessante de ser salientada é que uma das únicas representações imagéticas do período – além das moedas e estátuas – que chegaram até o presente, retrata justamente o casal imperial, Teodora e Justiniano, em um mosaico tipicamente bizantino. Porém, tal mosaico não encontra-se em Constantinopla, mas em Ravena, na Itália, que inclusive não pertencia aos romanos desde fins do século V e era a capital do reino dos godos. Contudo, Justiniano e Teodora nunca estiveram na Península Itálica, eles raramente saíam de Constantinopla ou, caso saíssem, faziam viagens curtas, não indo além das comunidades cristãs nos arredores da capital. Mas, mesmo assim, seus rostos hoje figuram um patrimônio mundial da Unesco e que merece ser visitado, numa localidade distante, de outra língua e cultura e longe de sua influência direta enquanto Imperador bizantino.

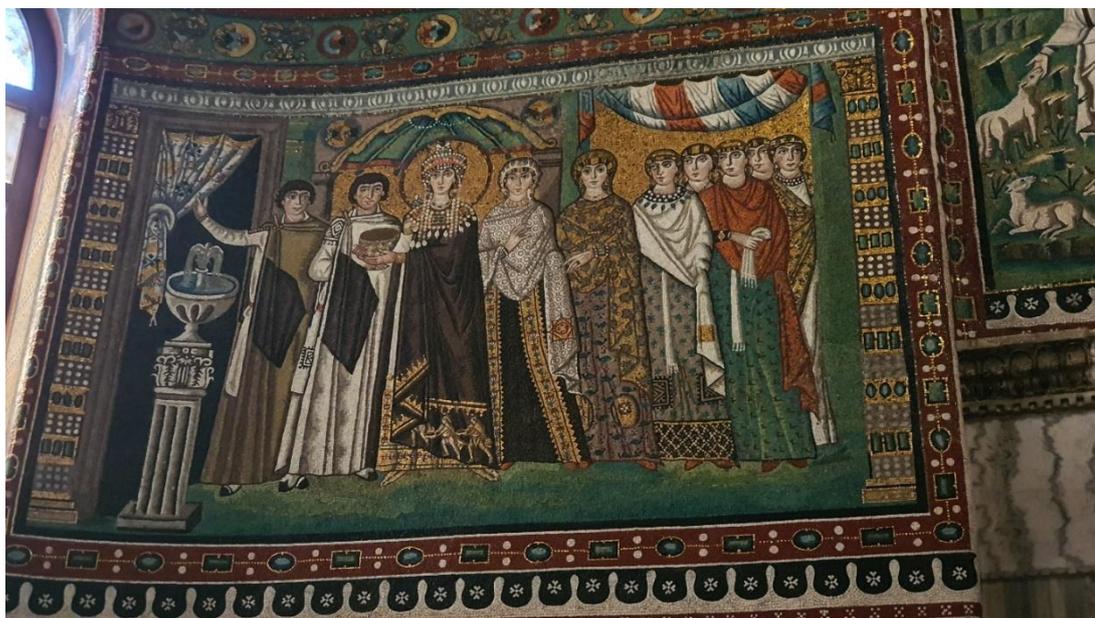
⁷¹ Do original: Justinian was a strong emperor who initiated a series of extraordinarily ambitious policies, and carried most of them through in the face of great obstacles. But it is very doubtful whether even without these obstacles the eastern empire would have been sufficiently strong in economic and administrative terms to sustain the extra burdens it was taking on. And at the same time processes of social change were taking place throughout the Mediterranean world of which contemporaries were barely aware, yet which were conditioning the outcome of the policies which they adopted.

Figura 03: Mosaico bizantino (século VI), que mostra a corte imperial bizantina com o imperador Justiniano (de púrpura, ao centro), em Ravena, Itália



Fonte: acervo pessoal

Figura 04: Mosaico bizantino (século VI), que mostra a corte imperial bizantina com a imperatriz Teodora (de púrpura, ao centro), em Ravena, Itália



Fonte: acervo pessoal

Tal explicação pode ser feita, justamente, através conexões travadas, de diferentes modos, entre estes dois territórios distintos, exemplo esse que pode ser lançado para outros espaços da bacia do Mediterrâneo. Por conseguinte, respondemos à pergunta norteadora desta pesquisa, em que o poder imperial bizantino circulava através de questões normativas, militares, narrativas, eclesiásticas, alianças, históricas entre outras. O imperador Justiniano e sua esposa Teodora, como vemos nas imagens acima, não precisavam estar fisicamente em um lugar. Suas

autoridades circulavam por todos os espaços, inclusive por aqueles que não eram bizantinos, já que a cidade de Ravena era o epicentro da autoridade goda na Itália – Teodorico, o Grande, está enterrado lá. Além disso, à época, esses mosaicos foram patrocinados por um banqueiro, de origem síria, em meados do século VI (Evans, 1996, p. 53), o que comprova a circulação de pessoas por todos estes espaços mediterrânicos. Enfim, comprovamos a tese inicial de que temos pessoas, narrativas, objetos, leis, religiões e interpretações da fé circulando e circundando o mar Mediterrâneo neste período.

Assim, ao final desta pesquisa, mesmo que não buscamos esgotar o tema, podemos perceber que sim, é possível analisar as conexões das temporalidades mais recuadas, em especial na Antiguidade Tardia. Período este muito particular, posto que estava fervilhando com a fundação de Constantinopla, a instauração dos reinos bárbaros, a sacralização imperial pelo verniz cristão e o reinado de Justiniano *per si*. Este imperador alterou as bases daquela sociedade bizantina do século VI que, logo depois dele, começa a apresentar os elementos característicos que a historiografia, desde o Renascimento (Candido da Silva, 2020), conhece como medieval. Ademais, esse período do surgimento de Bizâncio enquanto Império constituído é interessante de ser analisado para que consigamos explicar tais dinâmicas e conexões que serão evidenciadas nos períodos posteriores, até, pelos menos, o século XV.

Além disso, percebe-se que as sociedades pré-modernas, mesmo sem as tecnologias e meios que contamos hoje, tinham suas conexões e contatos, inclusive diversos, como mostrado na *Crônica*, de Malalas, documento escolhido para esta pesquisa ser desenvolvida. Ou seja, o passado remoto também era um tempo de comunicação e negociação. Os impérios, com certeza, conheciam seus inimigos e seus amigos, sabiam onde poderiam encontrar determinado produto ou qual era a linhagem que estava no poder para arranjar um casamento para unir forças e fazer alianças. Bem como os rastros de mortes causados por doenças, que nos permitem entender as dinâmicas comerciais, econômicas e de movimentação de genes e pessoas por esses locais. Dessa forma, a História Conectada é uma metodologia muito interessante para perceber justamente essas circulações políticas, culturais, históricas, normativas e religiosas. Logo, nem sempre através de guerras e trocas violentas, uma vez que as fronteiras são sempre fluidas. O mar torna-se, por sua vez, um ambiente privilegiado e propício para essas trocas e conexões, já que altera a lógica da solidez das terras e o espaço por ela coberto, tornando líquida a relação com o ambiente e aquilo que está imbuído nele.

Por fim, esta pesquisa desenvolveu-se para tentar mostrar estas conexões em um autor contemporâneo ao reinado de Justiniano, João Malalas, sírio de nascimento e falante grego por

trabalho e vivência, que escreveu uma crônica no século VI. Tal obra, embora muito criticada pela historiografia, constitui-se como um documento interessante e que permite o estudo de Bizâncio neste espaço-tempo. Além disso, através da *Crônica*, foi possível que a autoria se posicionasse de forma original nos debates historiográficos sobre o Império Bizantino, e que também se abrisse para novas perspectivas de análises e projetos posteriores. Esse tipo de análise que toma outros pontos de vista que não os mais tradicionais é algo que hoje transforma-se numa urgência, principalmente para estas temporalidades mais recuadas do nosso presente histórico. Sobretudo porque a história medieval⁷² que aprendemos e ensinamos é, consoante a Almeida e Della Torre (2019, p. 07), ainda, continental e, basicamente, europeia.

⁷² Aqui se utilizou o termo “medieval”, em contraposição ao utilizado durante a pesquisa de “Antiguidade Tardia” de forma proposital. Exprime-se a estaticidade do termo e a necessidade de analisarmos tais temporalidade de outra forma, inclusive as não-tradicionais, como a História Conectada, que rompe essas fronteiras e “gavetas” da História que aponte na introdução deste trabalho.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAIS

MALALAS, John. Trad. Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys e Roger Scott. **The Chronicle of John Malalas**. Melbourne: Australasian Association for Byzantine Studies, 1986. 371 p.

DOCUMENTAIS SECUNDÁRIAS

JORDANES. Trad. Charles Christopher Mierow. **Getica: The Gothic History of Jordanes**. Princeton: Princeton University Press, 1915. 188 p.

CESAREIA, Procópio de. **Persian Wars**. Cambridge: Harvard University Press, 1914. 257 p.

BIBLIOGRÁFICAS

ABULAFIA, David. **O grande mar: uma história humana do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 382 p.

ALMEIDA, Néri de Barros; DELLA TORRE, Robson (orgs.). **O Mediterrâneo medieval reconsiderado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. 460 p.

BOY, R. V. Constantinopla: poder e queda. *In*: SILVA, Paulo Duarte; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (orgs.). **Ensaios de História Medieval: temas que se renovam**. Curitiba: CRV, 2019. p. 179-194.

_____. Bizâncio e o Ocidente mediterrânico: relações de poder entre Constantinopla e os godos nos séculos V e VI. *In*: ALMEIDA, Néri de Barros; DELLA TORRE, Robson (orgs.). **O Mediterrâneo medieval reconsiderado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. cap. 04, p. 129-152.

_____. Para além da divisão entre ocidente e oriente: a circulação do poder imperial de Constantinopla no Mediterrâneo tardo antigo - séculos IV a VI. *In*: FRANCISCO, Hector; COHEN, Rodrigo Laham; UBIERNA, Pablo. **Ascetismo y santidad ne el Cercano Oriente cristiano: siglos IV-XIII**. Buenos Aires: IMHICIHU - Instituto Multidisciplinario de Historia y Ciencias Humanas. 2022. p. 93-115.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II – Tomo I**. Lisboa: Editora Martins Fontes, 1983. 694 p.

BROWN, Peter. **The world of late antiquity: from Marcus Aurelius to Muhammad**. Londres: Thames and Hudson, 1971. 216 p.

CAMERON, Alan. **Circus Factions: Blues and Greens at Rome and Byzantium**. Oxford: Oxford University Press, 1976. 364 p.

CAMERON, Averil. **The Later Roman Empire AD 284-430**. Londres: Fontana Press, 1993a. 238 p.

_____. **The Mediterranean World in Late Antiquity AD 395-600**. Londres: Routledge, 1993b. 251 p.

_____. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Routledge, 2005. 308 p.

CÂNDIDO DA SILVA, M. Uma História Global antes da Globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. **Revista de História**, n. 179, p. 1-19, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160970>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CHABOD, Federico: **Lezioni di metodo storico**. Bari: Laterza & Figli, 1973. 342 p.

COLLIVA, Paolo. Império. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 621-626.

ESTUDOS MEDIEVAIS PERFIL #7: Constantino. [Locução de] José Francisco Sanches Fonseca e Robson Murilo Grando Della Torre. [S.]: Estudos Medievais perfil. **Podcast**. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3DSFIMp96RqfyAiIYbG7ea?si=9e9c34cb06dd40a7>>. Acesso em: 04 set. 2023.

EVANS, James Allan Stewart. **The age of Justinian: the circumstances of imperial power**. Londres: Routledge, 1996. 346 p.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. As estruturas políticas. *In*: FRANCO JÚNIOR, Hilário. OLIVEIRA DE ANDRADE Filho, Ruy. **Império Bizantino**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 32-47.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. OLIVEIRA DE ANDRADE Filho, Ruy. **Império Bizantino**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 101 p.

GEARY, Patrick J. **O mito das nações: a invenção do nacionalismo**. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. 223 p.

GOFFART, Walter. **Barbarians and Romans A.D. 418-584: The techniques of accommodation**. Princeton: Princeton University Press, 1980. 278 p.

_____. **The narrators of barbarian history (AD. 550-800):** Jordanes, Gregory of Tours, Bede, and Paul the Deacon. Princeton: Princeton University Press, 1988. 491 p.

HARARI, Yuval Noah. Foreword. *In*: OLSTEIN, Diego. **Thinking history globally**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2015. p. X-XI.

JEFFREYS, Elizabeth. The beginning of Byzantine chronography: John Malalas. *In*: MARASCO, Gabriele (org.). **Greek and Roman historiography in Late Antiquity: Fourth to Sixth Century A.D.** Leida: Brill, 2003, p. 497-527.

JEFFREYS, Elizabeth; CROKE, Brian; SCOTT, Roger (orgs.). **Studies in John Malalas**. Leida: Brill, 2017. 370 p.

OLSTEIN, Diego. Thinking History Globally: Comparing or Connecting; Thinking History Globally: Comparing and Connecting; Thinking History Globally: Varieties of Connections. *In: _____*. **Thinking history globally**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2015. p. 59-112.

SARTIN, Gustavo Henrique Soares de Souza. **A História dos Godos escrita por Jordanes: estudo e tradução**. 2019. 242 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/11906?locale=en>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SCOTT, Roger. Chronicles *versus* Classicizing History: Justinian's West and East. *In: _____*. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Routledge, 2016a. p. 1-25.

_____. Justinian's New Age and The Second Coming. *In: _____*. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Routledge, 2016b. p. 1-22.

STOPPINO, Mario. Poder. *In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco*. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 933-943.

TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2007. 431 p.

WARD-PERKINS, Bryan. **The Fall of Rome and the End of Civilization**. Oxford: Oxford University Press, 2006. 239 p.